

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL COLETIVA



**Caminhante, entre experienciar e narrar: notas sobre encontros e cuidados em saúde mental coletiva**

Lauren da Rosa de Oliveira

Porto Alegre  
2021

Lauren da Rosa de Oliveira

Caminhante, entre experienciar e narrar: notas sobre encontros e cuidados em  
saúde mental coletiva

Trabalho de Conclusão de Residência ao Curso de especialização Residência  
de saúde mental coletiva para obtenção da especialização em Saúde Mental  
Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Mariath Belloc

Data e Local da Defesa: Porto Alegre, 19, de Janeiro de 2021  
Instituto de Psicologia- UFRGS

PORTO ALEGRE, RS  
2021

Lauren da Rosa de Oliveira

CAMINHANTE, ENTRE EXPERIENCIAR E NARRAR: NOTAS SOBRE  
ENCONTROS E CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL COLETIVA

Trabalho de Conclusão de Residência ao Curso de especialização Residência  
de Saúde Mental Coletiva para obtenção da especialização em Saúde Mental  
Coletiva.

Aprovado em 19 de janeiro de 2021

---

Marcio Mariath Belloc, Dr. (Orientador)

---

Analice de Lima Palombini (Parecerista)

PORTO ALEGRE, RS  
2021

## **CAMINHANTE, ENTRE EXPERIENCIAR E NARRAR: NOTAS SOBRE ENCONTROS E CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL COLETIVA**

### **RESUMO**

As narrativas deste trabalho se dão na perspectiva do caminhar, metodologia filosófica de Frédéric Gros, com o objetivo de sustentar os encontros nas itinerâncias de uma residente em saúde mental coletiva. O trabalho divide-se em sete capítulos, narrados cronologicamente, durante os dois anos em que atuou nos serviços de saúde das cidades de São Leopoldo e Porto Alegre. Em cada capítulo, são narradas histórias desde sua chegada neste programa de residência multiprofissional, à acontecimentos que se constituem enquanto memória coletiva durante as caminhadas, registradas em seu diário de campo. Trata-se de um corpo desprendido, de caminhos regidos pelo acaso e encontros de sentidos e experiência, que se estabelecem aqui como uma discussão do trabalho em saúde mental coletiva, no âmbito do Sistema Único de Saúde, na construção do cuidado como produção de vida e cidadania.

**Palavras-chave:** saúde mental coletiva; narrativa; itinerários do cuidado; residência multiprofissional em saúde.

## **CAMINANTE, ENTRE EXPERIMENTAR Y NARRAR: NOTAS SOBRE ENCUNTROS Y CUIDADOS EN SALUD MENTAL COLECTIVA**

### **RESUMEN**

Las narrativas de este trabajo se producen en la perspectiva del caminar, metodología filosófica de Frédéric Gros, con el objetivo de sostener los encuentros en las itinerancias de una residente en salud mental colectiva. El trabajo se divide en siete capítulos, narrados cronológicamente, durante los dos años en los que ha actuado en los servicios de salud de las ciudades de São Leopoldo y Porto Alegre. En cada capítulo son narradas historias, desde su llegada en este programa de residencia multiprofesional, hasta acontecimientos que se constituyen como memoria colectiva durante las caminadas, registradas en su diario de campo. Se trata de un cuerpo desprendido, de caminos regidos por el azar y encuentros de sentidos y experiencias, que se establecen aquí como una discusión del trabajo en salud mental colectiva, en el ámbito del Sistema Único de Salud, en la construcción del cuidado como producción de vida y ciudadanía.

**Palabras clave:** salud mental colectiva; narrativa; itinerarios del cuidado; residencia multiprofesional en salud.

## **WALKER, BETWEEN EXPERIENCING AND NARRATE,: NOTES ON THE MEETINGS AND CARE IN COLLECTIVE MENTAL HEALTH**

### **ABSTRACT**

The narratives of this work take place in the perspective of walking, a philosophical methodology by Frédéric Gros, with the objective of sustaining the meetings in the itineraries of a resident in collective mental health. The work is divided into seven chapters, chronologically narrated, during the two years he worked in the health services of the cities of São Leopoldo and Porto Alegre. In each chapter, stories are narrated since his arrival in this multiprofessional residency program, to events that constitute a collective memory during the walks, recorded in his field diary. It is a detached body, paths governed by chance and encounters of meanings and experience, which are established here as a discussion of work in collective mental health, within the scope of the Unified Health System, in the construction of care as a production of life and citizenship.

**Keywords:** collective mental health; narrative; care itineraries; multiprofessional residency in health.

Nada Sei  
(Kid Abelha)

Nada sei dessa vida  
Vivo sem saber  
Nunca soube, nada saberei  
Sigo sem saber

Que lugar me pertence  
Que eu possa abandonar  
Que lugar me contém  
Que possa me parar

Sou errada, sou errante  
Sempre na estrada  
Sempre distante  
Vou errando enquanto tempo me deixar  
Errando enquanto o tempo me deixar

Nada sei desse mar  
Nado sem saber  
De seus peixes, suas perdas  
De seu não respirar

Nesse mar, os segundos  
Insistem em naufragar  
Esse mar me seduz  
Mas é só pra me afogar

## SUMÁRIO

Caro caminhante,.....	8
1. Caminhante entre o tempo e as memórias .....	9
2. A itinerância das memórias.....	15
3. Caminhar lado a lado.....	25
4. Os sentidos das caminhadas.....	32
5. Memórias criadoras de casos .....	37
6. “O tempo move memórias; memórias movem desejos; desejo ancorado move.” .....	44
7. A vida é a arte dos caminhos, encontros e memórias .....	55
8. Fim desta caminhada.....	57
REFERÊNCIAS .....	59

Caro caminhante,

Alegro-me com sua chegada! Antes de iniciar esta caminhada, convido-te, a sentires confortável durante a leitura deste trabalho. Gostaria de sugerir, que antes, pudesses ouvir a música “A casa é sua”, de Arnaldo Antunes, que com sua letra delicada, faz-nos sentir acolhidos, assim como senti, quando no primeiro dia de aula da residência, deparei-me com a recepção de uma professora, causando-me um estranhamento positivo ao entrar na sala e ouvir a alegria da cantoria. As itinerâncias encontradas neste trabalho são parte das vivências de um percurso singular diante a experiência de uma residência multiprofissional em saúde e se estabelecem como uma discussão sobre o trabalho em saúde mental coletiva, no âmbito do Sistema Único de Saúde, na construção do cuidado como produção de vida e cidadania. Durante esta caminhada, te empresto minha lente, para visualizar as memórias deixadas pelos trajetos que fiz e também aquelas que trouxe guardadas em meu coração. Divido parte do cotidiano desta residência, contando sobre lugares onde vivi durante dois anos com apenas um objetivo: abraçar experiências produtoras de memórias que o tempo permitiu-me viver! Algumas caminhadas longas, algumas mais curtas, outras movidas a desejos, encontros e sempre construídas coletivamente! No primeiro capítulo, conto sobre a chegada neste percurso e o motivo de escolha da metodologia. No segundo, através do meu Caderno Andarilhante (meu diário de campo), inicio o compartilhamento de memórias construídas pelos caminhos, além de estratégias para lidar com afetos tristes e alegres. No terceiro capítulo, narro histórias sobre caminhadas acerca da união e inserção de um projeto em uma aldeia indígena, além de lutas reproduzidas pela memória coletiva. No quarto capítulo, divido sentidos que atravessam nossos corpos. No quinto capítulo, apresento algumas memórias criadoras de casos, pois não há revolução sem criar caso, sem se indignar e buscar mudanças. No sexto capítulo, divido lembranças do segundo ano da residência e o cenário de prática que finalizou meu percurso, fazendo um perfeito fechamento de desejos e reencontros com práticas de trabalho e de si! E por fim, concluímos um trabalho que talvez não há tempo que faça colocar em palavras as vivências, para transformá-las em experiência, das memórias e dos encontros que uma residência em saúde mental coletiva pode proporcionar. Boa leitura! Sinta-se em casa!



## **1. Caminhante entre o tempo e as memórias**

Convido a traçar comigo um longo percurso de memórias, imaginando o caminho percorrido cotidianamente desde o início da trajetória de ser residente. É permitir-se fechar os olhos e sentir as emoções, os sons, as fotografias, lembranças, encontros com um olhar atento e sensível às percepções. Narro aqui, a experiência vivida entre o andarilhar sobre as pedras, asfalto, sobre os trilhos e também sobre os rastros que deixamos durante nossa locomoção. Neste percurso, encontrei pessoas, sentimentos e memórias. Garanto que este trajeto foi vivido com cuidado, com altos e baixos, mas se não fosse no coletivo, não haveriam sentidos e aprendizados expressados por sentimentos saudosistas. Transformar sentimentos em palavras vai além de escrevê-las, pois elas precisam ser sentidas e compreendidas. Minhas vivências no primeiro ano da residência perpetuam o passado, deixando memórias nos espaços por onde andarilhei, vivenciei e retornarei.

Iniciando esta aventura, apresento o percurso no sentido de uma narrativa a partir do diário de campo construído nas viagens de ônibus, trem e o andarilhar durante os encontros e errâncias vividas nesta residência multiprofissional. A metodologia deste trabalho foi construída a partir de uma narrativa vivida, sentida, experienciada e aberta às mudanças que os caminhos desconhecidos trazem consigo, pois acredito que as memórias que nos acompanham não só carregam o que vivenciamos por onde passamos, mas também deixamos um pouco de nós e levamos um pouco das pessoas que conhecemos.

Considerando tal metodologia, enriqueço esta aventura compartilhando uma breve história, a partir da primeira semana de atividades do início da residência, quando a professora Analice de Lima Palombini, coordenadora da residência, nos propôs andarilhar por algum território da cidade de Porto Alegre, de preferência algum caminho que não fizesse parte do nosso percurso cotidiano, para que assim fosse possível olharmos com outras lentes e observarmos o que há ao redor. Ela compartilhou conosco alguns materiais para leitura, quando conheci Frederic Gros, que convidou-me a refletir sobre o caminhar: “Querem andar mais depressa? Nesse caso, não caminhem, façam outra coisa: rodem, deslizem, voem. Não caminhem. E depois, quando se anda a pé, só há um desempenho que de fato conta: a intensidade do céu, o viço das

paisagens.” (GROS, 2010, p. 10) Mas para isso acontecer, precisaríamos deixar em casa os pesos cotidianos, como, a partir das leituras sugeridas para os encontros iniciais da residência, o autor apresenta este conceito do caminhar como uma filosofia, e assim fui tocada na sua passagem sobre nos desapegarmos dos pesos que carregamos, como “[...] o peso da mochila, a distância estipulada para as etapas, as incertezas do tempo (ameaças de chuva e temporais, calor de rachar), as pousadas toscas, algumas dores” (GROS, 2010, p.11), para que pudéssemos nos permitir as vivências causadas pelo desconhecido e errâncias guiadas pelo nosso próprio caminho.

Neste sentido, apresento a proposta da minha narrativa diante o conceito de Gros, um olhar a partir de um caminhar que vai além do percurso imerso no viciante caminho que acostumamos no cotidiano. Este trabalho narra os dois anos do tempo que dediquei à residência e transversaliza as diversas formas de caminhar, observar e enxergar os espaços onde compartilhamos saberes e resistência. Além disso, tenho comigo o meu “Caderno Andarilhante” e o caderno de aula, onde fiz minhas anotações como diário de campo com histórias cotidianas, poemas e os aprendizados dos seminários formativos. Essas escritas, assim como a presença dos professores, são de suma importância nesse processo formativo, pois é visível, no olhar deles, o amor pelo trabalho, pelos movimentos da residência multiprofissional, pela saúde, assim como pelas discussões que faziam os olhos brilharem quando o assunto era o quanto se acredita no trabalho dentro dos âmbitos da Reforma Psiquiátrica Brasileira e do Sistema Único de Saúde (SUS).

A potencialidade e autenticidade dos encontros, que não são mais mesmos encontros dado início da pandemia e a falta dos corpos físicos numa sala de aula, da ciranda no verde do Planetário<sup>1</sup> ou até mesmo num centro de eventos, como um certo dia na aula de Gestão e Políticas Públicas, com a professora Sandra Fagundes, que chegou na universidade dizendo: “- Hoje a aula é no Araujo Viana, na Conferência Estadual de Saúde!”, e lá fomos nós,

---

<sup>1</sup> Inaugurado em 11 de novembro de 1972, o Planetário Professor José Baptista Pereira, também conhecido como Planetário da UFRGS, localizado na esquina da Rua Ramiro Barcelos, esquina com a Avenida Ipiranga. Oferece programas científicos e culturais à comunidade, com a arquitetura de uma nave espacial pousada no solo, rodeada por jardins, espelho d'água, relógio de Sol e rosa dos ventos. Também oferece poesia, música e ficção, através de séries especiais, apresentações ao vivo e produção de programas radiofônicos, juntando-se à programação geral, que já atingiu mais de um milhão de pessoas. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/planetario/>

caminhando até o local! É fascinante o quanto a universidade nos dá essa possibilidade de aprendizado com o outro e com os acontecimentos que reverberam com as políticas públicas de saúde e a apropriação dos espaços de uso e vozes coletivas.

No livro “O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo”, Barbosa (2010) considera a amplitude de aprendizados através do sentido da escrita e suas descobertas, organizando nossos pensamentos a partir de um olhar plural, importância cujo “[...] exercício que se inicia na escrita pela escrita, cotidiana, que nos seja significativa, com a qual nos sintamos autores daquilo que expressamos.” (BARBOSA, HESS, 2010, p.46)

E, a partir das escritas, também eternizamos as memórias, principalmente as que são narradas, para que assim possam ser revisitadas e reescritas (BENJAMIN, 1987). Assim como Halbwachs (2017), afirma que as lembranças são reconstruídas a partir dos fragmentos dos acontecimentos passados, e desta maneira, através do tempo, são compreendidas e revisitadas, para que atravessem o tempo, a partir da memória de um grupo, e que de certa forma “podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando a desejamos.”(HALBWACHS, 2017, p. 67)

Assim, neste ritmo de escritas e memórias, a partir dos caminhos, minha mente começa a ser tomada de pensamentos, que vibram meu corpo, fazendo com que seja necessário a anotação destas transformações miúdas. Início, então, um novo caderno andarilhante:

“- Calma, tudo no teu tempo!”  
E se não chegar, como será?  
Eu mesma posso mudar  
como saber o que acontecerá?  
Viverá,  
cruzará tempos  
cruzará ruas,  
cruzará vidas.  
Mas e o que deixar por lá?  
O que de lá, trazer para cá?

Voltando à proposta da professora Analice, compartilho os atravessamentos do dia em que decidi realizar minha itinerância: nessas errâncias, mas regida pelo tempo, vi-me com menos de vinte e quatro horas para realizar a atividade, e foi então, quando descii do trem na estação do mercado

público, após visitar alguma das cidades da região metropolitana por onde haviam cenários de atuação, olhei para o relógio e vi que estava sem tempo, nervosa, como uma recém chegada na capital. Decidi ir para o lugar onde somos todos regidos pelo tempo: a rodoviária. Chegando lá, guardei meu celular, e me permiti ser um corpo itinerante pelos espaços que aquele local me oferecia diante de uma experiência diferente. Caminhei, observei cada detalhe dentro do meu tempo, ou melhor, fora dele, assim como aqueles que, orientados por este, corriam para cá e para lá, sempre apressados, com a cabeça baixa ou checando o relógio ou a passagem nas mãos. Pessoas desciam e subiam nos ônibus. Pessoas apressadas. Pessoas esperando. Pessoas chegando. Pessoas partindo. Lembro que me escorei numa parede observando uma moça descendo do ônibus e abraçando calorosamente uma senhora, para quem, em minutos, imaginei uma história imersa em saudade, pois talvez o tempo de separação entre elas tenha sido muito longo ou aquele abraço poderia representar conforto por alguma situação, pois histórias de vida são repletas de possibilidades e por isso seja tão fascinante pararmos e observamos o que há na nossa volta e assim expandirmos nossa escuta e nossos olhares.

Continuando meu trajeto pela rodoviária, decido ir até o local de embarque e desembarque, onde as pessoas se prendem à pressa e muitos à impaciência de aguardar pelo carro do aplicativo. Percebi que muitas vezes fui e ainda sou como estas pessoas, ligada no automático e perdida nos sinais das redes virtuais. Ali permaneci durante um momento mais longo, observando pessoas que se aproximavam pedindo auxílio para um lanche, algumas pedindo um café e outras vendendo balas. Respirei fundo e contei quantas vezes elas foram invisibilizadas, ouvindo sempre as mesmas curtas palavras não acrescidas tampouco de um olhar nos olhos. Sigo meu trajeto, subindo a passarela, onde alguns vendedores tentam chamar atenção e poucos são ouvidos. Cruzei a Rua Conceição, no limite do meu tempo, pois já escurecia. Cruzei o tempo, a rua, chacoalhei os pensamentos e continuei meu andarilhar até a estação do ônibus, com a sensação de que mudanças sobre o tempo começariam a fazer sentido nos rumos da residência.

Tempo, tempo, tempo  
é hora de dar início e mover;  
me locomover;  
louco(mover).

Para que no futuro eu possa ser  
o que hoje, tão pequeno, já posso ver!

E nesse primeiro tempo de uma reconstrução temporal e espacial na Residência, foi o da decisão e constituição do campo de trabalho, dos cenários de prática, onde ancorar um futuro, um vir-a-ser de uma formação em ato no campo da saúde mental coletiva. Recolocar-se no tempo como ao vislumbrar os passantes, trabalhadores e viajantes da rodoviária, na suspensão do tempo, para habitá-lo como criação de espaço ao encontro e acolhida de cada singular forma de habitá-lo. Habitar então isso que não se vê ou não se presta a atenção cotidianamente. E tal como poeticamente nos ensina João Cabral de Melo Neto (2008, p.239), “Habitar do invisível dá em habitar-se”. Acolher cada forma singular, dá em singularizar-me como profissional da saúde mental coletiva.

Decidido o cenário de prática, se dá início ao meu primeiro ano como residente, vaga que ocupo com maior satisfação após longos meses estudando. Ao sair de casa, minha primeira locomoção tinha dez minutos sentada num banco de ônibus, acompanhada do Roger Meneghetti, educador físico formado pela Universidade de Passo Fundo, fazia parte da minha micro equipe. Meu amigo, parceiro de trabalho e dos caminhos. Com a perspectiva de uma residência multiprofissional, as duplas são divididas a partir da união de dois residentes, sendo um do primeiro ano e outro do segundo, com o objetivo de unir dois profissionais de núcleos diferentes. Nosso rumo era até a estação de trem, quando aproveitava para organizar os pensamentos, rever a agenda, checar as mensagens e repensar os compromissos para o dia. Nesse andarilhar frenético, Gros (2010), em um capítulo do seu livro, relata o caminhar como estar do lado de fora, convidando a refletir o sentido que é dado no “ir para fora”, que, geralmente é trilhar um caminho para outro “dentro”, o abandono de um abrigo por outro, assim, como por exemplo, o trajeto de casa até o trabalho ou algum lugar pré-estabelecido, sem um valor para si, assim como o trajeto de casa até o metrô:

[...] percorrido independentemente do tempo que está fazendo, com um corpo apressado, a mente ainda tomada por detalhes da vida pessoal e já voltada para as obrigações profissionais, as pernas rápidas, enquanto a mão se assegura, apalpando nervosamente os bolsos, de que não se esqueceu nada (GROS, 2010, p. 37).

Chegava na estação e embarcava na melhor parte do caminho: o andar sobre os trilhos. Eu nunca tinha andado de trem, e nestes quarenta e cinco minutos me dedicava a fazer de tudo um pouco, enquanto os trilhos me levavam até meu trabalho no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II Capilé e Gestão em Saúde Mental, na cidade de São Leopoldo. Já parou para pensar quantas vidas e histórias passam pelo trem? Quantas pessoas, num dia, sentam no mesmo assento que tu, com diversas histórias de vida. E as pessoas que vendem seus produtos nos vagões? Quem são elas? Quais são suas histórias?

Quarenta e cinco minutos é bastante tempo para ler um livro, ouvir músicas, planejar os afazeres do dia e também observar as pessoas. Algumas vezes pegava no sono e ia parar na última estação: na cidade de Novo Hamburgo. Então não era uma possibilidade muito interessante dedicar este curto período de tempo para dormir. Descendo na estação de São Leopoldo, eram mais dez minutos caminhando até o CAPS, meu trabalho, o destino por quem deixava minha casa pela manhã para passar, aproveitando as janelas do trem, “[...] quando se deixou para trás os muros do repouso, quando se percebe estar com as maçãs do rosto ao vento (GROS, 2010, p.39)”. Chegando no CAPS, passava pela recepção, indo até a cozinha pegar um café, subindo as escadas com grandes objetivos para o novo dia de trabalho.

Bom dia, Capilé!  
Tem vapor na térmica  
Será que é café?  
Por que a equipe está frenética?

E neste ritmo iniciava-se o dia, desde a chegada e sua agitação, o café quente, acolhimentos, grupos, oficinas, salas e corredores coloridos, transitando e pensando que este serviço e aquela cidade eram “de fato minha casa aqui pelo dia todo, é aqui que vou morar enquanto caminho [...] e é o dentro, sempre, que se transforma, indefinidamente variável.” (GROS, 2010, p. 38-39)

## 2. A itinerância das memórias

Narrar  
Puxar o ar  
Respirar  
Não se assustar  
Ao escrever  
Narrar é ver  
Narrar é sentir  
Sinto o que vivo  
Vivo o que sinto  
Narro o que vivo  
Narro a memória do existir... aqui, agora  
Nar  
Ar vida  
aTiva  
O que te faz viva?

Neste capítulo encontrarás registros de escritas na volta de trem para casa, num formato de diário de campo que fui construindo ao longo das minhas caminhadas e também memórias deixadas por São Leopoldo, além daquelas que carrego nas lembranças. É curioso o desejo em lembrar todas as sensações sentidas a cada dia vivido no cenário, mesmo com um diário de campo em mãos, sinto limitação na escrita, em tentar narrar as transformações que me encontraram ao longo do semestre, ao longo do ano, ao longo dos dias. Lembro de um dia, no trem, quando me peguei pensando como seria lembrar de todos os dias da minha vida?! Recordo de um livro que vi na prateleira de uma livraria há algum tempo, cuja história é exatamente essa. Nossa mente é tão incrível, que talvez nos boicota ou nos ajuda em não lembrarmos de tudo, pois lembranças também são constituídas enquanto armadilhas de si.

Trabalhar em São Leopoldo foi muito acolhedor, pois a equipe que encontrei acreditava muito no trabalho dos residentes e estagiários, possibilitando que nos sentíssemos com liberdade para planejar e colocar em ação nossas atividades. Nossas ideias surgiam durante as discussões de casos, os almoços, os intervalos tomando café e até mesmo num programa após o expediente. Assim como todos os trabalhos, haviam dias mais pesados, pois também nos exaurimos enquanto profissionais que se dedicam para o cuidado em liberdade, que muitas vezes passamos por mudanças vistas como tentativas de melhorias no serviço. Havia momentos em que a equipe não era o suficiente

para assumir todas demandas, e isso concretizava-se quando Roger e eu, ficávamos na recepção.

Tenho a memória de uma quinta-feira (recordo porque elas sempre eram muito agitadas), logo quando a equipe tentou mudar o procedimento das marcações de consultas com a psiquiatra, sendo solicitadas apenas através de ligações. Neste dia, Roger e eu estávamos muito atrapalhados na recepção. Atendo o telefone, o usuário se identificou pedindo para que eu marcasse uma consulta psiquiátrica, o que me fez congelar, pois não enxergava a agenda. Pedi que aguardasse um momento e nós dois começamos a procurá-la, pois deveria estar ali. Alguns segundos depois ouvimos gargalhadas vindas da sala de espera. Paramos, olhamos e o usuário da ligação estava bem ali, rindo da nossa atrapalhão e disse: “- *Podem achar essa agenda e marcar minha consulta!*” Olhei para o Roger, não acreditando naquilo, mas dando muitas risadas: “- *É eleeee!*”, quando ouço do usuário: “- *Estou ligando! Vocês não podem dizer que não liguei para marcar!*”, em tom sarcástico. No fim encontramos a agenda e marcamos sua consulta! Esse tipo de momento me faz sentir um turbilhão de saudades porque são nesses detalhes que a gente vê o significado do quanto o cuidado do outro num centro de atenção psicossocial pode quebrar o estigma de um lugar visto pela sociedade como ator de produção de seu rompimento, o louco, como nos ensina Foucault (História da Loucura). Dá-me saudade do inesperado, das brincadeiras, sorrisos e momentos únicos. Essa é uma memória única, que obviamente, é um atravessamento de uma conduta pedida pela equipe, de um absurdo, na realidade acatada em não aceitar que consultas fossem marcadas pessoalmente, pois nem todos têm celular, crédito para ligar. Mas produz turbilhão de saudade porque é nisso que mora a felicidade, é aí que mora o contexto da loucura, mora este sentido do louco mais além do sofrimento de ser louco, de mostrar que coisas tão óbvias podem ser institucionalizadas, pessoas insitucionalizadas, vida, sentidos.

No Capilé, e também fora dele, intensificamos nosso trabalho, nos divertindo, choramos de felicidade, de tristeza, de saudade, de agonia e desespero. Sofremos com a perda de alguns usuários que perderam suas vidas tão cedo, por motivos banais, acidentes do cotidiano, questões clínicas, mas nada esperado socialmente e estigmatizado pela sociedade. Toda essa intensidade nos fortaleceu enquanto um grupo de residentes e estagiárias que



não mediram e continuam não medindo esforços para acolher os sofrimentos uns dos outros. Este grupo é composto por profissionais e estudantes da UFRGS e também da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)<sup>2</sup>. Somos treze pessoas, sendo sete estagiárias do núcleo de psicologia da UNISINOS: Andressa Moraes, Camila Begnis, Elisama Mello, Luana Comin, Mariana Mosmann, Michele Rech e Raquel Follmann. Algumas concluíram seus estágios em agosto, e outras continuaram, porém nosso grupo sempre foi somado e nunca diminuído. As demais componentes são as residentes da UNISINOS: Amanda Potin, Francine Pereira, Laísa Castro, Nataele Cunha, além do Roger Meneghetti<sup>3</sup> e eu, residentes da UFRGS.

Acredito que esta união seja um dos sentidos que mais potencializa a cidade de São Leopoldo em minhas memórias, pois a experiência vai além de um trabalho, que neste município, realizou-se, de fato, em rede, pois as gurias residentes da UNISINOS, dividiam-se entre os CAPS Capilé, infantil e AD, e por este motivo enxergávamos a consolidação de um firme trabalho coletivo. Inclusive, nossa locomoção não era apenas para o trabalho, mas também estávamos sempre presentes nos atravessamentos cotidianos, preocupados uns com os outros. Inúmeras vezes fomos para cafés ou praças para fazermos reuniões no fim de tarde para discutir como cuidar de um de nós que estivesse em sofrimento, seja emprestando o carro para ajudar na mudança do amigo, seja através de um convite de café para dizer: “- *Tu não estás bem! Deixa eu te ajudar!*”

Rede  
de trabalho  
de amigos  
de ganhos  
de perdas  
de lutas;  
Rede firme  
de costume  
ou de veracidade?  
A rede está pela cidade

---

<sup>2</sup> A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) localiza-se em sete Estados do país, incluindo a cidade de São Leopoldo, onde, além dos cursos de graduação, oferece residências multiprofissionais na área da saúde, com programas em Atenção Básica e Saúde Mental.

<sup>3</sup> Suas formações são: Amanda Potin é enfermeira e doula; Francine Pereira é psicóloga, Laísa Castro é nutricionista, Nataele Cunha é assistente social e Roger, como já mencionado anteriormente, é educador físico.

São Leopoldo me trouxe muitos ensinamentos, amizades, afetos, e sentimentos os quais levam ao limite, precisando me desconstruir quando tento ser pedra ou correnteza. Pergunto-me quem são as pessoas que trabalham por uma saúde mental coletiva, que ao olhar de Sandra Fagundes, 1995, este conceito define-se como:

Processo construtor de sujeitos sociais desencadeadores de transformações nos modos de pensar, sentir e fazer política, ciência e gestão no cotidiano das estruturas de mediação da sociedade, extinguindo e substituindo as práticas tradicionais por outras capazes de contribuir para a criação de projetos de vida (FAGUNDES, 1995, p. 60).

A proposta da residência em saúde mental coletiva, numa perspectiva multiprofissional, onde são inseridos profissionais de psicologia, terapia ocupacional, educação física, enfermagem, serviço social, no período de dois anos entre março e janeiro com férias em fevereiro, dividindo-se em microequipes espalhadas pela cidade de Porto Alegre. Até o ano de 2019, esta divisão se dava metade dos residentes em três cidades da metropolitana: Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Novo Hamburgo, em serviços como CAPS, CRAS, CREAS, Gestão e Unidade Básica de Saúde. Devido aos ataques e cortes que as residências multiprofissionais em saúde têm sofrido, a universidade precisou iniciar o ano de 2020 limitando suas atividades apenas à cidade de Porto Alegre, mas ainda há esperança de que volte aos cenários da metropolitana, para as quais se realizou um fechamento com uma sensível carta escrita coletivamente pelos residentes e entrega pessoalmente pela coordenação.

Os residentes fazem duplas ou trios de acordo com a capacidade que as equipes podem receber, quando geralmente são duplas formadas por um residente do primeiro ano e um residente do segundo ano, de núcleos diferentes, na proposta de um trabalho multiprofissional. Segundo Ferla et al., 2017, não é possível planejar integralmente um currículo e suas estratégias pedagógicas, tão pouco as aprendizagens durante a atuação dos residentes em seus cenários, pois são multiplicidades que acontecem no trabalho de cada um, e assim “o currículo é construído e reconstruído a cada dia a partir das problematizações emergentes do trabalho. Cada residente, acompanhado em seu aprender, é produtor de um currículo singular” (FERLA et al, 2017, p. 14). E nesta reflexão percebe-se a importância da vitalidade das residências multiprofissionais

espalhadas pelos serviços do Sistema Único de Saúde, afirmando suas potencialidades, pois ainda nas palavras destes autores, quando os residentes parecem já pertencerem àqueles espaços, acontecem suas trocas, suas despedidas e a presença de outras pessoas, outros afetos e intensidades, pois “não pode haver, portanto, apenas absorção e aplicação do conhecimento vigente. O aprender no trabalho torna o trabalhador um pesquisador de si e do mundo” (FERLA et al., 2017, p;14).

Nesses espaços de resistência também encontramos muitas situações inusitadas, onde o fascismo ainda opera em estilhaços da ditadura e de políticas não concretas, que corroboram com o conceito de Basaglia (1975), sobre os crimes da paz, quando a violência institucional assume várias formas, como estratégia de conservação de um sistema social, reproduzindo no cotidiano práticas que não condizem com os direitos humanos, ao invés de uma clínica que os assegure e estejam em consonância com a liberdade de expressão.

*Como pode um técnico, trabalhador da saúde mental, do SUS, ser tão ignorante e preconceituoso com uma pessoa em situação de rua? Foi um estúpido com o Luar, assim como já tem se mostrado um cara extremamente machista quando conversa comigo e com Roger, porque ele não presta atenção nas coisas que digo, desvalidando minhas falas, o que me gera raiva! Como pode um trabalhador continuar na rede, quando chama uma das minhas amigas de potranca? Escolhe os usuários, como se fossem objetos, faz descaso, some, se desfaz da referência como se não houvesse ali um ser humano... e o vínculo? Aliás, como se cria vínculo com um profissional assim? Como será que esta usuária está? Quem cuida dela? São muitas perguntas e várias respostas colocadas debaixo do tapete, porque afinal, quem somos nós senão apenas residentes? Diário de Campo, setembro de 2019.*

Contrário daqueles que provocam um turbilhão de saudades, estes momentos me convidam a refletir sobre a maneira que nos colocamos nesses espaços onde atitudes extremistas tomam conta num lugar que é para ser realizado o cuidado e a escuta humanizada. Não me provoca um turbilhão de saudades olhar para casos como estes, mas também não me coloca à frente de qualquer outro sentimento de afeto que me contagia quando lembro de um lugar que vivi muitos momentos especiais. A gravidade das atitudes deste técnico já o

colocou à mercê de seu trabalho inúmeras vezes, e acredito que é na presença de pessoas que não concordam com esse tipo de conduta que se dará a permanência desse descaso, desse descuido. Não obstante, não podemos cometer os mesmos crimes de paz e diagnosticar tal ou qual colega como o descasador, o descuidador, seria talvez simplesmente usar, ao avesso, a mesma medida que se produz na sua fala sobre o usuário. Seria mesma lógica da meritocracia que nos ensina Souza (a ralé brasileira), da pessoa em situação de rua que estaria nessa condição porque supostamente não tivesse se esforçado, eliminando toda a produção social da exclusão e do racismo estrutural. No caso do colega, sem eximi-lo de sua responsabilidade de cuidador, é preciso um olhar para estas mesmas estruturas meritocráticas exclusoras e racistas que contribuem para que a resposta do descaso e descuido seja produzida.

Acredito num trabalho que possa sempre mostrar àqueles que trazem seus pré-conceitos atravessados, uma visão diferente. É no agir do cotidiano, na micropolítica que aprendemos com Foucault (Microfísica do Poder) que nós derrotamos o fascismo, que demarcamos nossas posições de trabalhadores resistentes a esses ataques. Nestes lugares, onde o fascismo ainda insiste em permanecer, enfatiza-se a importância da presença dos residentes, pois vai além de um trabalho, mas sim da concretude de uma vivência e experiência marcada por atitudes transformadoras. Por isso a importância da memória deixada nos locais por onde o residente caminha, é sermos “residentes desrespeitosas”, devolvendo com perguntas às atitudes que tem como objetivo a opressão. Residente desrespeitosa foi o termo utilizado por um trabalhador da Secretaria Municipal da Saúde da cidade de São Leopoldo, com o objetivo de ofender a Luna, psicóloga, residente antecessora a Roger e a mim, ao indagar sobre o posicionamento do mesmo no cenário da Gestão. Luna registrou este fato em uma de suas narrativas, guardadas dentro da pasta da residência, no armário do colegiado gestor. Relembrado isto, enfatizo a importância do registro enquanto memória e sua reprodução, pois assim, fatos como este não são negligenciados, convenientemente, pelo esquecimento.

É persistir. É resistir. É colocar-se em seu lugar como multiplicador de memórias, histórias, inquietudes e cuidado. Assim nos apropriamos dos espaços, potencializando o coletivo dentro dos serviços de saúde. Acredito na força que temos. Acredito na residência multiprofissional, na vontade e na

disponibilidade que colocamos no nosso trabalho, no cotidiano, nas ideias e nas insistências! Assim como Gros (2010, p. 59) nos ensina, que “... é disso que se tratam, ao caminhar, de encontrar seu ritmo básico e de mantê-lo.” Encontrar seu ritmo, unir-se aos nossos pares, cada um com seu passo, equilibrando-nos e mantendo-nos firmes para lidar com os crimes de paz.

Diante o relato acima, enfatizo o quão importante e necessário foi termos nos apoiado uns nos outros. Brigamos, brincamos, colocamos música alta para dançar no pátio, pulamos juntos, rimos, abraçamos cada vida que acompanhamos, criticamos juntos, nos defendemos e fomos resistentes diante falas preconceituosas, racistas, machistas e sexistas. Em minhas vivências, percebi o fortalecimento entre meus colegas residentes e estagiárias, a mescla de vidas que nos fizeram buscar união e a construção de uma amizade que vai além dos pontos característicos de um trabalho em saúde mental, sendo erguido, em consonância com Fagundes (1995) nada menos, que coletivamente.

Neste sentido, buscamos estratégias para mostrar-nos não só atuantes de um compromisso no serviço, encontrando uma maneira de apostar na tentativa de unir a equipe e transmitir um pouco da atenção e cuidado àqueles que, por sofrimento no ambiente de trabalho, já precisaram se afastar, onde vejo o verdadeiro sentido de que “não soltar a mão de ninguém significa também olhar para o outro e se descobrir olhando para a frente com ele. É não largar mão de uma esperança qualquer.” (NARDELLI, 2019, p 37)

Considerando a narrativa de Carvalho (2020), diante as cenas de atos de resistências, as movimentações e aglomerações, os barulhos das multidões, seu conceito de afetos tristes e afetos alegres, quando o primeiro paralisa as mudanças e o segundo provoca movimentos importantes, potencializando as transformações, portanto, ousou dizer que o afeto é revolucionário, enfatizando as palavras cruas da autora ao dizer que “a movimentação que esses afetos alegres disparam em cada corpo que está ali é, sobretudo, fruto da intensidade dos encontros” (CARVALHO, 2020, p.53). Aproveitando esta afetação que as lembranças dos encontros nos movimentos sociais causam, também “[...] é o de sermos capazes de fazer festa e transmitir alegria em nossas manifestações, ao contrário dos que pregam ódio e violência [...] fazemos política com afeto por mais que para alguns pareça ingênuo e improdutivo.” (KFOURI, 2019, p. 22)

Compartilhando este pensamento ao de Sakamoto (2019), ao afirmar que o poder público usa a polícia e a política para proteger os privilégios dos mais abonados e a violência para controlar os mais pobres, quando o agir com egoísmo dificulta que todas as pessoas sejam vistas com igualdade perante a sociedade. Porém, acredita que se o Estado melhorasse a atenção dada aos mais humildes, esta melhora não seria de sua competência, mas sim às mobilizações, pressões e lutas das próprias pessoas que se fazem presentes nos movimentos sociais, e seguindo nesta perspectiva exemplifico com duas narrativas em consonância com Carvalho (2020), a partir de experiências vividas a seguir.

Neste sentido de encontros, lutas e afetos, gostaria de contar sobre o projeto “Eu cuido de você, você cuida de mim”, que aplicamos com muito entusiasmo dentro do serviço. Esse projeto começou na cidade de Pelotas, num grupo que eu fazia parte e que estávamos percebendo amigos entrando em depressão por estarem longe de suas redes afetivas. Pois então, contei a ideia para as residentes e estagiárias do Capilé, e decidimos fazer, porém, pensamos em modificar um pouco o projeto, cuidando das pessoas da equipe sem elas saberem que estavam sendo cuidadas, deixando um agrado, um doce, um chá, um recado, algo que fizesse a diferença no dia delas. Notamos um movimento positivo, além de um mistério que deixava os técnicos curiosos, o que remete à reflexão de que para quais rumos caminhamos com certeza? Na terra, todo chão que pisamos, que confiança é esta colocada em nossas pisadas? Gros (2010, p. 99), organiza o equilíbrio destes passos, minuciosamente, desde a firmeza que as subidas nos pedem às sustentações que alguns solos mais delicados exigem do nosso caminhar:

Nas subidas, sempre, deve-se firmar o pé: sempre, esse imperceptível instante em que se força o apoio, para sentir se aquele lugar aguenta. E depois, confiantes, fazemos o peso todo do corpo recair sobre um só pé, antes de recolocar no chão o outro que se tinha projetado pelos ares. O que faz as pernas tremerem são os caminhos cobertos de neve, onde o pé ao afundar-se está arriscado a topar com gelo. Ou ainda solos por demais encharcados, de cascalhos ou arenosos, pois o corpo é obrigado a sustentar-se sozinho o tempo todo, puxando o peso para cima. Então não se deveria caminhar, mas dançar. (GROS, 2010, p. 99)

O que seria desta dança se não fossem os passos lentos, que nos permitem olhar com cuidado por onde caminhamos? O que seria de nós se não

fosse esta dança tão delicada, que é o dançar da vida, passo a passo com olhares minuciosos? Às vezes, caminhamos distraídos sem perceber a lentidão das pisadas que certos chãos exigem.

*Hoje foi um dia de trabalho muito positivo. Além de uma usuária ter aceitado sua transferência de cuidado, o pai de outra usuária ligou me desejando feliz dia da psicóloga e relatou que nossa conversa teve muito efeito. Como eu iria dizer que não sou psicóloga? Nesse momento tu és apenas grata por receber um retorno desse. O dia finalizou com a técnica Sol indo até a sala de equipe, a qual ela diz ser amaldiçoada, agradecendo a garrafa d'água e o lembrete para se hidratar deixados em sua mesa, mas queria saber quem foi. Nos fizemos de desentendidas e ela, brincando, disse que iria averiguar prontuário por prontuário para verificar nossas letras e descobrir. Ah, e quando ela saiu da sala, foi direto à sala da gestão perguntar se alguém mais teria percebido algo diferente. Que maravilha observar estes movimentos dentro do serviço! Diário de Campo, agosto de 2019.*

O objetivo final não foi contar quem tirou quem, mas deixar uma reflexão de que mesmo na correria do cotidiano, precisamos nos cuidar, olhar para o lado e ter consciência de que todos passamos por problemas os quais não temos resoluções breves, e que por este motivo precisamos esmiuçar nossos olhares, principalmente diante desmontes causados na conjuntura atual, tendo a certeza de que “não largar a mão do outro quer dizer conservar e aumentar alianças. Quer dizer: diante do perigo, vamos nos fortalecer.” (RIBEIRO, 2019, p.63)

Para refletir sobre este sentido de fortalecimento, trago um episódio ocorrido no começo deste ano, quando Camila e eu conversamos sobre o sentido das portas limitantes, numa perspectiva manicomial:

*Falamos tanto de manicômios físicos e mentais, em cuidado além das paredes e dos muros. Hoje, na oficina de música, o wi-fi não conectou e eu ainda estou sem dados móveis. “- E agora? Cadê o sinal?”, me perguntei. Como a porta da sala de grupos é ao lado da porta de entrada do CAPS, fiquei paradinha ali, bem no exato marco onde o sinal pega direitinho, enquanto a Milu acertava o som. Então, durante a oficina, eu fiquei indo até a porta, carregando a música, voltando à sala, deixando tocar, então perguntando qual seria a próxima e assim sucessivamente. Procurar sinal na porta de entrada e saída, estar estagnada no*

*muro que divide a loucura e o “dito normal”. Procurando sinal no degrau do rompimento de paradigmas, onde as passagens são realizadas. Buscamos vida além das portas manicomiais, dos portões e janelas, esperando que as portas estejam abertas, para que os sinais sejam entendidos. Diário de Campo, janeiro, 2020*

Quando sugiro “buscar vida além das portas manicomiais, dos portões e janelas”, pensamentos me remetem à Basaglia (1981) quando considera as contradições que uma instituição pode manifestar quando nega a própria institucionalidade, quando esta é derivada de uma longa permanência demonstrando autoritarismo ao determinar regras e para a pessoa institucionalizada representa “uma progressiva perda de interesse que através de um processo de regressão e de restrição do eu, o induz a um vazio emocional.” (BASAGLIA, 1981, p. 259) Ou seja, no momento em que não há um suporte de operação de uma oficina de música dentro do espaço físico do CAPS, não será este um gesto manicomial ao me posicionar na porta ao invés de sugerirmos outra atividade fora da sala, no pátio, no jardim da frente ou na rua? Talvez o pensamento fixo no cumprir aquela oficina não possibilitou ir além das portas manicomiais, como descrito acima, pois a instituição prevê que a oficina aconteça dentro da sala, e por este motivo, limitam-se automaticamente às demais possibilidades, colocando regras à frente das nossas próprias contradições.



### 3. Caminhar lado a lado

*Os acontecimentos em nossas vidas são determinantes para nossas emoções e ações. Hoje, minha colega fez o acolhimento de uma moça que está sendo violentada psiquicamente pela companheira que, de acordo com o relato da usuária, tem outro comportamento na frente das pessoas. Relata estar sofrendo ameaças, sobrevivendo com medo e perdendo sua identidade. Parece que a companheira a manipula tanto, que a isolou de todos, fazendo com que ela acredite que é a única que a ama e com quem pode contar, diminuindo seu sofrimento. Ao ouvir todo desenrolar, tive um misto de sensações, como raiva, lembranças e um nó na garganta, pois reconheci em meu corpo cada palavra do terror dessa relação e de seus sentimentos, quando recém venho tentando me erguer de opressões causadas por uma história compatível que ocorreu recentemente. São nesses momentos que as memórias cruzam com o trabalho, o corpo estagna e é preciso lembrar de todos os motivos que me fizeram chegar até aqui, mesmo tendo ouvido que não cheguei porque fui capaz. Fechei os olhos, com o coração acelerado e agradei ao universo por este acolhimento não ter sido feito por mim, acreditando que tudo tem um momento certo para acontecer. Diário de Campo, julho de 2019.*

A partir deste relato, cito Badiou (2015), e sua teoria sobre os acontecimentos e a verdade vista como multiplicidades, pois é a partir de um acontecimento e a particularidade de cada cena que compõe sua história, que a verdade é vivida. Portanto, para o autor, o acontecimento é a apresentação da verdade e se dará dentro e a partir da singularidade. Assim, a verdade está imersa nas memórias e a partir delas relatamos os acontecimentos, reproduzindo as histórias vividas nos caminhos experienciados na vida. E neste sentido, a itinerância proposta pela Analice reaparece na singularidade da verdade de uma memória que só poderá ser contada através dos olhos e pernas que por aquele caminho percorreu.

Respeitando os acontecimentos e suas verdades, me pergunto: o que é o caminhar ao lado? Caminhar de mãos dadas? Mais do que nunca, o sentido de não estar só, de não soltar a mão de ninguém se torna imprescindível na minha caminhada. Como já disse anteriormente, a amizade construída dentro do CAPS Capilé foi além dos muros, portões e paredes daquele lugar. O fim do ano se

aproximava e assim as apresentações de Trabalhos de Conclusão de Curso das amigas estagiárias, dias que éramos liberados pela nossa preceptora da gestão e nosso preceptor do CAPS para ir até à universidade prestigiar as colegas, acompanhados de algum dos técnicos, sempre presentes nestes momentos. Uma das apresentações, na época estagiária de psicologia e hoje Michele Rech, psicóloga, formada pela UNISINOS, escreveu seu trabalho através das vivências na comunidade indígena Por Fi Gã, trabalho realizado durante bastante tempo até a troca do cacique, quando assumiu um homem indígena que não aceitava a presença das trabalhadoras no local, sempre muito desconfiado. Era um projeto de visitas semanais, um cuidado dentro da aldeia, um olhar sensível àqueles que tudo foram tirados, uma cultura violentada por nosso modelo de sociedade neoliberal, motivo pelo qual podemos observar a ausência de cuidado e, a partir da desconfiança do cacique, a forma como a sociedade vem silenciando a existência dos povos originários.

O sentimento de turbilhão de saudades toma uma grandidute em meu peito, mas também gera revolta ao lembrar destas vidas, das mulheres sofrendo diversas violências, assim como o caso de uma senhora diagnosticada com câncer, que teve seu acompanhamento rompido, pois o novo cacique não acreditava que estávamos presente com intenções de cuidar, de adentrar a aldeia com o objetivo de levar a saúde mental a eles.

Lembro do dia que retornei ao CAPS, depois de ter ficado um mês afastada, depois do atraso da bolsa. Voltei e em uma reunião de equipe e conheci minha futura amiga Laísa Castro, nutricionista, levantou-se e colocou em cima da mesa colares lindos produzidos na aldeia indígena que teria visitado na semana anterior, pedindo para que as pessoas da equipe pudessem dar um apoio financeiro às pessoas indígenas, comprando alguma de suas artes. Recordo que ao acabar a reunião, me levantei, olhei aquela maravilha de cores, de pedras, um brilho em cada trabalho! Subi as escadas, para o horário de almoço e conversei com Laísa no corredor, perguntando se na semana seguinte, caso houvesse vaga no carro da prefeitura, poderia ir junto conhecer esse projeto e começar a participar. Ela abriu seu sorriso contagiante, fazendo com que eu me sentisse acolhida naquele espaço, mas que não era certo que eu pudesse ir sempre, devido a quantidade de lugares no carro. A partir dessas vivências, Laísa e Michele deram as mãos e juntas construíram um trabalho

intenso e cheio de histórias, um caminhar coletivo que tem importância genuína, acabando em temas de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)<sup>4</sup> e um Trabalho de Conclusão de Residência (TCR)<sup>5</sup> de duas mulheres maravilhosas do nosso grupo daquele CAPS.

Rech (2019), se viu intrigada sempre ao chegar na comunidade indígena e deparar-se com as pessoas de chinélos, quaisquer fosse a temperatura, o que lhe fez refletir na relação que tinham com os chinélos, que, numa oportunidade, perguntou ao Pajé da tribo, que lhe respondeu: “Porque preciso usar algum calçado. Mas os pés são a maneira que eu tenho de me conectar com a Terra. Com calçados, perco os olhos”. Rech, explica o porquê de ter dado esta narrativa como título de seu trabalho:

Fazia sentido, sentir a vida através dos pés. Usar chinélos apenas por costume e adequação, já que o “homem branco” foi quem introduziu as roupas e os chinélos aos povos originários, mas tendo a possibilidade de tirá-los sempre que se necessita de novos olhares. Usar os pés como olhos é também permitir que toda experiência passe primeiro pelo corpo, e, assim, sentir em cada poro o que acontece. É sustentar-se na terra, fazendo de seu território e da Mãe-terra o sentido das coisas e de estar no mundo. Abrindo-se para outras cosmopolíticas integradas ao vivo, que se nutre da relação com outras vidas, em detrimento de uma centralidade da forma-homem na ordem das coisas e do mundo. (RECH, 2019, p.11-12)

Assim como a imposição desses costumes, Rejane Nunes de Carvalho, primeira mulher indígena de sua aldeia ao se tornar psicóloga, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, traz o conceito da Ditadura do Relógio, após a experiência de sua caminhada no percurso acadêmico afirma: “nós habitamos outra temporalidade: comemos e dormimos quando temos vontade. Aqui, na cidade, na selva de pedras, a carga horária é muito pesada e é preciso se adequar à universidade” (CARVALHO, 2020, p. 27). Por que essa necessidade de introduzir os costumes do branco nos povos indígenas?

Nosso tempo é outro, o relógio é colonizador e mesmo assim temos que segui-lo. Será? Talvez isso seja mais uma forma de tutela, não? Por que se adaptar com a vida do não indígena, se temos nosso próprio tempo e esse não nos adocece, mas sim nos fortalece? Ter saúde para nós, indígenas, é estar no território. (CARVALHO, 2020, p. 29)

---

<sup>4</sup> Trabalho de Conclusão de Curso da Michele Rech: “Os pés são a maneira que temos de nos conectar com a Terra. Com calçados, perco os olhos.”

<sup>5</sup> Trabalho de Conclusão de Residência da Laísa Castro: “O nutrir dos afetos e os (des) encontros de uma nutricionista na saúde mental com a comunidade indígena Kainkang de São Leopoldo-RS”

Privilegiados, tivemos a oportunidade de pararmos de correr e visualizarmos a temporalidade e os costumes dos povos indígenas, fazendo com que pudéssemos repensar um trabalho que fosse condizente às raízes e entendimento sobre seus direitos. Pensávamos que estaríamos contribuindo profissionalmente com a aldeia, quando na verdade, eram estas pessoas que estavam nos ensinando de maneira humana e espiritual, que carregam tantas histórias dentro da História, desde o nascimento, o encontro com a terra, com a mata, as árvores, as vidas que nascem e morrem nas aldeias, a riqueza e o conhecimento que a natureza oferece através dos remédios que são encontradas no meio dos verdes. Tornamo-nos aprendizes de costumes, palavras, receitas e de um tempo que é totalmente diferente do que estamos acostumados a ser dependentes, que é o tempo da cidade, da correria, do “agora eu não posso”. É permitir-se a ser aprendiz da experiência homeopática de um viver saudável.

Carvalho (2020) relata um acontecimento no CRAS São Leopoldo, quando se deparou com a seguinte pergunta de uma mulher: “- *O que poderia ser feito quando as mães estão com seus filhos pequenos sentados vendendo artesanato?*”. Ela conta que sorriu e disse que nada. Inconformada com a resposta, a mulher indaga: “- *Como nada, se muitas vezes eles estão descalços, com pouca roupa sentadinhos?*” Então ela respondeu: “- *Elas estão melhores que muitos, pois estão juntos de sua mãe, de seus familiares, no calor de sua família. Andar descalço não é um problema, ter pouca roupa não é um problema. Estão ali grudadinhos em sua mãe, ao contrário do mundo dos não indígenas que terceirizam o cuidado e a criação dos filhos para poder se inserir neste mundo de produção, para fazer sobreviver no capitalismo, onde se considera que levar o filho para o trabalho faria baixar a produtividade.*” Ela conclui a fala afirmando que “as nossas crianças são felizes com o pouco que têm e que se torna muito quando compartilhado, brincando em grupo.”(CARVALHO, 2020, p. 28)

As caminhadas tornaram-se marchas. Em agosto de 2019 aconteceu a 1ª Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, em Brasília, com o tema de “Território: nosso corpo, nosso espírito”, e certamente Laísa e Michele não deixariam de estender as mãos para auxiliar a comunidade, correndo contra o tempo para criar pontos de coletas de alimentos pelos espaços da rede e da UNISINOS, pois

seria muito tempo de viagem e estas mulheres e crianças indígenas precisavam de alimentos tanto para o percurso, tanto para quando chegassem lá. Fomos em busca de caixas, cartolinas para colocar na recepção com cartazes bem chamativos e arrecadar estes alimentos! Passamos em reunião de equipe para a mesma aprovar e acabada a mesma, já colocamos o material de coleta à vista das pessoas.

Desde a saída estas pessoas indígenas começaram a sofrer violências e quebra de acordos, quando os motoristas anunciaram que elas não poderiam levar suas panelas e utensílios para preparar seus alimentos. Portanto, sentiram que teriam que ceder, porém não deixariam os alimentos, que preparariam na chegada em Brasília onde foram recebidas por homens armados, o que põe-se em questionamento “qual seria o risco apresentado por mulheres e crianças indígenas no Distrito Federal? Além disso, a capital cedia no mesmo instante da chegada delas, a Marcha para Jesus, [...] planejada pelo atual presidente da república, Jair Bolsonaro.” (CASTRO, 2019, p.11-13).

Estes ataques se constituem enquanto atrocidades às minorias, assim como Kfourri (2019), brevemente após o resultado das eleições de 2018, já considerou o espírito dos jovens militantes indo às ruas, provocando reflexões que não poderiam ser perdidas nos próximos tempos, presentes na resistência derrotada pela força das urnas. O autor entende que é preciso extrair do passado as lições para que seja possível seguir adiante, sem ódio e sem medo, fazendo política com afeto, e já previa a necessidade de empatia, tanto para o governo dado início o ano de 2019, como para a pandemia vivida atualmente, ao dizer que “a sensibilidade e a indignação, o senso crítico e a coragem, a autocrítica e a humildade, a busca do justo e a competência serão os motores para enfrentar com altivez e dignidade os dias que virão.” (KFOURI, 2019, p. 23)

Silvania Rubert (2014), enfatiza que precisamos conhecer nossa história, todos os contextos para que seja possível estabelecermos estratégias de defesa, aliadas ao conhecimento sobre todas suas versões, para que assim possamos garantir que o passado nunca seja esquecido, assim como as memórias da ditadura, pois quando alguém morre, “[...] morrem junto à pessoa, os seus ideais, projetos de vida, sonhos, potencial criativo [...] toda uma geração foi assassinada e as capacidade de questionamento e reflexão, pelo medo, paralisante [...]” (RUBERT, 2014, p. 192) Além disso, a memória política é construída a partir da

participação política, entendendo que esta memória é negada pelas medidas repressivas do Estado às minorias, sendo estratégia de resistência e luta política, pois “os corpos na mira continuaram a ser os de sempre, negros, pobres e indígenas.” (JUNIÃO, 2019, p.111)

Às minorias, pede-se tempo. Tempo para fome? E os direitos? E as políticas? Política para quem? De quem? Por que é tão difícil reconhecer que o outro tem os mesmos direitos que nós? Nos preocupamos tanto com crescimento, mas quando vai ser pensando nos direitos básicos do outro? Direitos humanos? Direitos sociais? Direitos sociais são conquistas! Direitos políticos? Mas qual: os que somam ou os que somem? Como tu olhas o mundo? Qual lente tu usas? Tu te sentes livre enquanto várias pessoas se sentem presas às ruas? Tu realmente entendes os motivos pelos quais uma pessoa está em situação de rua ou tu ouves os motivos?

A partir destas inquietudes, cito Noal (2019), quando questiona se os seres humanos por quem nos importamos são apenas aqueles que se assemelham a nós, pois é incompreensível o fato de que os direitos são acessíveis apenas à uma parte da população: a protegida.

Nos permitimos parar e olhar à volta? Laconelli (2019) diz que se torna revolucionário, hoje, pensarmos o Brasil como um país solidário, pois é necessário considerar todos cidadãos com direitos iguais, tornando-se preocupante, pois não deveríamos desejar isto e sim já viver um pensamento coletivo, compartilhando espaços públicos e de direito de todos.

Estes ataques vem de muito tempo atrás, quando nós, brancos, tomamos conta do território que não era nosso e tratamos os povos originários como pessoas estrangeiras. “A vontade era somente a do colonizador. Ninguém perguntou aos indígenas se era esse seu desejo. A integração era uma política de Estado e estava baseada na ideia de que o modo originário de vida não era bom.” (YAMÃ, 2019, p. 80) Estes povos são invisibilizados pelo Estado, pela sociedade, negando o passado, os colocando em minorias frente ao extermínio:

Somos invisíveis até hoje na história do Brasil. Se você perguntar a qualquer pessoa, quem descobriu o Brasil, ele dirá, sem dúvida, “Pedro Álvares Cabral”. Mas, na realidade, aqui havia milhares de povos que foram esquecidos propositalmente para que o colonizador fosse o protagonista. Somos lembrados apenas no dia 19 de abril, “dia do índio”? Dia do índio é todo dia, pois todos os dias temos que afirmar nossa presença em espaços para que sejamos vistos. A real história

dos povos indígenas não é contada nas instituições de ensino, tanto nos níveis básicos como superior. O foco é apenas direcionado para a história europeia ocidental. O Brasil nasceu do genocídio, do estupro, da escravização e da superexploração dos povos indígenas, mas, sobre isso, pouco foi escrito. (CARVALHO, 2020, p. 18)

De acordo com Rubert (2014, p.191), “negar o passado, ou mesmo partes dele, é fechar os olhos para os pedaços desse passado que estão vivos no presente [...]” bem como seu viés mais brutal, que é a tentativa de produção do esquecimento, mesmo quando tudo que vivemos são momentos guardados em memórias. A história é construída através de memórias individuais e coletivas. Hoje, lutamos pela democracia. Guardamos memórias da ditadura, conservadoras. Guardamos dor, medo, censura, tortura. O que o medo conserva? Hoje, lutamos pelo cuidado, pela voz, pela liberdade. Guardamos lutas, fazemos história, mesmo ela não sendo muito bem representada, como explica YAMÃ, 2019, p. 83:

O brasileiro, [...] escolheu quem representa o pior na política social: Jair Bolsonaro, típico político demagogo de extrema-direita. Fã da ditadura militar e da supremacia branca, famoso aliado dos ruralistas cuja política tosca está centrada no racismo, no preconceito e na submissão aos interesses geopolíticos dos EUA e na antidemocracia, foi eleito prometendo todo tipo de retrocesso aos povos indígenas. Morte, perseguição, desmarcação de terras, a extinção dos 129 processos de demarcação de terras indígenas. Recentemente declarou em entrevista que no seu governo – pretende tratar os índios como gente-, revelando a concepção de que somos selvagens e demonstrando que verdadeiramente não se atualizou e continua com as mesmas ideias de quinhentos anos atrás.

Considerando este fortalecimento diante do perigo, demonstro inquietude frente às fragilidades encontradas nos serviços, à medida que o descuido com nossas políticas públicas cresce com as imprudências do Estado, que compactuam com as políticas de morte, conceito elaborado por Mbembe como necropolítica, inspiração relacionada com a biopolítica, de Michel Foucault. Mbembe (2016), conceitua a necropolítica como o poder do Estado de estabelecer a vida e a morte, corroborando com o dúbio sentido da miséria humana no sentido de intensificar práticas e políticas desumanas que reforçam extermínios, segregações que ditam quem poderá viver, e neste sentido “pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros” (MBEMBE, 2016, p. 128), cujo objetivo é causar o desaparecimento

de alguns grupos. Nestes tempos incertos, muros de egoísmo e conservadorismo nos dividem.

#### **4. Os sentidos das caminhadas**

Para caminhar, é necessário apenas o corpo e é nele que encontramos os sentidos que compõem o ser humano: visão, audição, tato, paladar e olfato. Enquanto residente caminhante, residindo numa nova cidade, valorizo meu trajeto podendo exercer do meu privilégio de ouvir o som dos automóveis no amanhecer de uma capital barulhenta; de visualizar o nome das rotas escritas nos ônibus; de sentir o cheiro dos perfumes; e por último, permitir o toque desses caminhos diários, desde a saída de casa até a volta para a mesma.

Nesse sentido, Gros (2010, p. 41-43), fala sobre a lentidão, no sentido do ganho do tempo, refletindo sobre a ideia de que quanto maior a velocidade, mais se ganha tempo, quando “a precipitação e a velocidade aceleram o tempo, que passa mais ligeiro, e duas horas apressadas encurtam o dia”. Importante reflexão, pois acredito que para aguçarmos nossos sentidos, é necessário caminharmos com mais calma, mesmo neste mundo caótico, que não nos permite olhar em volta e contemplar o que toca nosso corpo, nossa mente e emoções, e os dias caminhados mais lentamente tornam-se mais longos, assim “fazem com que se viva mais tempo, porque se deixou cada hora, cada minuto, cada segundo respirar, aprofundar-se, em vez de abarrotá-los forçando-lhes as partes”. Ao caminhar, apressados, temos a impressão de que apenas nossos corpos se movem, achamos que entendemos tudo, quando “caminhando, nada se desloca de fato: mais parece a presença que se instala lentamente no corpo. Caminhando, o que ocorre não é o tanto que nos aproximamos, e sim que as coisas lá longe insistem cada vez mais em nosso corpo”.

Nessas caminhadas, fui persistente. Fui residente com lentes. Residente insistente. Fui equilíbrio entre olhar e sentir, correr e parar, sorrir e chorar. Briguei. Brinquei. Amei. Fiquei muito brava, mas também muito feliz. Contestei, me perdi e me reencontrei. Me rasguei e emendei. E também plantei:

*Que horta mais linda que ficou! Laísa e eu tiramos o projeto do papel, comprando a terra, as mudas e fazendo uma horta na frente do CAPS com as garrafas d'água que estávamos pedindo há semanas à equipe. A ideia também é fazer uma composteira e pensar numa maneira de reeducação dos técnicos*



*em relação à separação do lixo orgânico e reciclável. Os usuários estavam no pátio, na convivência com a referência da tarde, então tomamos a liberdade de chamar todas e todos para participar da organização da horta lá na frente. Mais da metade quis participar, enquanto outros apenas olhar. Enchemos a horta com temperos maravilhosos, explicando que serão usados nos próximos almoços coletivos. Ah, esses almoços! Toda última quinta-feira do mês abrimos a caixinha do dinheiro coletivo, convidamos os usuários a participarem desde a ida ao mercado à preparação do almoço. São momentos muito especiais, onde a cozinha é de todos, as histórias se entrelaçam, a música é indispensável e parece que o CAPS cria uma vida diferente, porque a participação é coletiva!*  
*Diário de Campo, maio de 2019.*

Pátio cheio  
ninguém faz rodeio  
Cadê o tempero?  
Alguém foi pegar na horta.  
O alecrim já cresceu,  
alguém colheu? Está na hora!  
Na horta?  
Na horta, saindo da porta!  
Risadas musicais  
Assim como os carnavais;  
Cadê o som?  
Conecta o wi-fi!  
Mas eu não tenho esse dom!  
Pratos à mesa  
Está linda, com certeza;  
Preparação coletiva  
Comida afetiva;  
Pessoas ativas;  
Sementes vivas.

Os almoços coletivos sempre eram pensados a partir de uma receita afetiva, demandando o planejamento, orçamento e preparação. O último que participei foi marcado pela história de uma mulher maravilhosa, que se transformou em fênix, carinhosamente lembrada por nós. Após ingerir uma substância que corroeu seu sistema respiratório, o CAPS contribuiu muito para sua reabilitação, quando toda equipe sempre se revezava para acompanhá-la durante sua alimentação realizada por gastrostomia. Neste dia, seu pedido foi para que fosse feita uma lasanha, que era sua comida preferida e ela tinha muita

vontade de nos apresentar sua receita. Após este dia, começou a participar da oficina chamada Culinária Afetiva. Fênix, nos ensinou diversas receitas, assim como deixou a reflexão de que sabores não são só percebidos pelas papilas gustativas, pois ela, que não se alimentava pela boca, produzia os sabores como afeto, como encontro. Aprendemos com ela a saborear alteridade.

Esta oficina potencializou sua vontade de começar a vender marmitas. Toda terça-feira, dia de reunião de equipe, ela chegava ao CAPS com sua bolsa de marmitas, saindo feliz com as vendas, o que contribuiu em seu processo de melhora, pedindo para que sua técnica de referência a ajudasse a dar entrada com os papéis para a realização da cirurgia de reconstrução dos órgãos do sistema respiratório. Infelizmente, Fênix faleceu após a cirurgia. Esta oficina lhe colocou de frente com seus desejos e lembranças, lhe provocando sentidos os quais ela havia guardado há bastante tempo depois de tantos acontecimentos que mudaram sua vida.

A Culinária Afetiva movimentava o CAPS através do olfato, que num espaço tão pequeno como aquela cozinha, exalava vida, atravessando as peças da casa, subindo as escadas, invadindo as salas e chegando até as pessoas que se encontravam nos demais cômodos. Cada semana a oficina trazia consigo histórias, afetações, lembranças, gostos e sensações, pois era no quentinho da cozinha que as narrativas aconteciam, a partir da receita reproduzida há gerações, nas datas comemorativas e principalmente o compartilhamento de histórias de vidas.

Foi neste sentido da oficina que Fênix reencontrou seus desejos, assim como o gosto pela culinária, que lhe remetia o passado o qual ela tinha tanta saudade. Recordo de algumas conversas que tivemos enquanto ela realizava sua alimentação, momentos marcados por perguntas intensas as quais me deixavam com o sentimento de estar sendo rasgada por dentro. Eram perguntas pontuais, mas que me colocavam para pensar no sentido de muitas coisas, até da existência. No fim de cada conversa, sempre nos abraçávamos fortemente durante alguns minutos, parecendo que cada pedacinho rasgado, emendava-se novamente. Lembro do último dia no CAPS, no grupo de música, quando me dirigi a ela perguntando qual música ela escolheria, cujo nome inesquecível é “Coisas que eu sei”, da cantora Danni Carlos. Quando recebi a notícia do seu

falecimento, foi uma das primeiras coisas que eu lembrei, da última música que ela pediu:

Eu quero ficar perto de tudo que acho certo  
Até o dia em que eu mudar de opinião  
A minha experiência meu pacto com a ciência  
Meu conhecimento é minha distração  
Coisas que eu sei  
Eu adivinho sem ninguém ter me contado  
Coisas que eu sei  
O meu rádio relógio mostra o tempo errado, aperte o play  
Eu gosto do meu quarto do meu desarrumado  
Ninguém sabe mexer na minha confusão  
É o meu ponto de vista, não aceito turistas  
Meu mundo 'tá fechado pra visitação  
Coisas que eu sei  
O medo mora perto das ideias loucas  
Coisas que eu sei  
Se eu for eu vou assim não vou trocar de roupa  
É minha lei  
Eu corto os meus dobrados acerto os meus pecados  
Ninguém pergunta mais depois que eu já paguei  
Eu vejo o filme em pausas, eu imagino casas  
Depois eu já nem lembro do que eu desenhei

Ela sabia, era esperta! Sabia muito mais sobre a vida, sobre resistir, viver, sobreviver. Fiquei pensando em nossas conversas sobre vida, morte, medos e sentidos. Ela me instigava de tal forma, que a volta para casa era regida pelo silêncio dos meus pensamentos, sentindo-me vulnerável a qualquer acontecimento do caminho, saboreando alteridades, sentindo a fragilidade da vida e observando as incertezas, assim como ela, que tão forte, seguia em frente com seus planos, buscando respostas o tempo todo, até mesmo para as perguntas cujas respostas não existiam no momento. A fatídica notícia me rasgou por dentro, mas as memórias que ela deixou emendaram meu coração, onde guardo a imagem do seu sorriso.

Rasgar-se e emendar-se faz parte do cotidiano, principalmente quando lidamos com vidas, que, sensivelmente, são cuidadas e perdem-se nas linhas que cruzamos quando a rede não é forte. Rasga-se, emenda-se, retalha-se, simboliza-se enquanto buscamos proteger sem sermos protegidos, a partir dos

momentos que não sabemos o que fazer e a quem recorrer, pois ser residente também é perder-se e aprender com os erros. Por estes motivos que é necessário valorizarmos tanto a produção de vida que encontramos através do contato com todas as pessoas que cruzam nosso caminho, pois cada uma carregá consigo, uma história de vida.

As histórias da horta e da culinária afetiva têm sentidos muito parecidos quando pensados na perspectiva da visão como um olhar às miudezas que as pessoas trazem consigo; a audição como a disponibilidade de escuta às histórias de vida; o olfato tão utilizado na horta e na culinária, expandindo pelo serviço e afetando as pessoas que por lá passavam; o paladar nos almoços coletivos com os tempos plantados e colhidos na horta; e por último o tato, representando a delicadeza ao tocar vidas com práticas humanizadas e que tem como objetivo o ouvir. Retorno à Gros e sua reflexão acerca das solidões, que, mesmo acelerando o ritmo do caminhar, com a presença de três ou quatro pessoas, cada um tem seu passo, e mesmo aquele que está mais a frente olha para trás e pergunta se está tudo bem, pois “seguir seu próprio ritmo não é andar de maneira absolutamente uniforme, inteiramente regular: o corpo não é uma máquina. Ele se permite algumas leves tréguas ou momentos de assumida alegria”, e neste caminhar, conclui-se que:

Tudo fala conosco, nos cumprimenta, chama a nossa atenção: as árvores, as flores, a cor dos caminhos. O sopro do vento, o zumbido dos insetos, o curso do riacho, o impacto das pisadas sobre a terra: é todo um rumorejar que responde à nossa presença. Até mesmo a chuva. [...] É impossível estar só quando caminhamos, de tanto que dispomos de coisas ao alcance dos olhos, que nos são dadas [...] Todos esses terrenos cultivados, essas casas, essas florestas, essas trilhas, tudo é nosso, para nós. [...] Quem poderia sentir-se só quando tomou conta do mundo? Ver, dominar, olhar, é possuir. [...] Tudo isso que vejo, que se estende sob meu olhar, me pertence. Tão longe quanto me é possível enxergar é o quão longe vai o que possuo. Não eu sozinho: o mundo pertence a mim, existe para mim, está comigo. Assim que me coloco a caminhar, imediatamente torno-me dois. Meu corpo e eu: um par, um refrão. (GROS, 2010,,p. 59-64)

Sentidos não são previstos. É necessário viver e experienciá-los. Eles estão por toda parte, inclusive no lugar mais importante para cada um de nós: dentro de si. Cultivamos o cuidado, regamos as flores e as plantas, cozinhamos sabores e sentimos o cheiro dos afetos colocados nos detalhes. E os sentidos? Estes são singulares e constituem cada um de nós! Para conhecer, é preciso viver; para criar sentido, importante que estejamos abertos às experiências que

os caminhos nos proporcionam, mesmo que eles sejam silenciosos, como o silêncio das florestas, das caminhadas das tardes de verão, do amanhecer, o caminhar na neve e até mesmo o silêncio da noite, que, de acordo com a sensibilidade de Gros (2010, p. 68) se refere quando “escuta-se melhor, porque se escuta finalmente o que não se presta de maneira alguma a ser reformulado, recodificado, reformatado”.

## **5. Memórias criadoras de casos**

Terminou-se o ano. Terminaram-se os dias de trem. Terminaram-se as reuniões de equipe, quando pensamos na rede de serviços pela qual trabalhamos e queremos construir sem dar nós, sem fios frágeis e sem rasgá-las, que possamos construir coletivamente, num processo de residência resistente, quando perdemos nossas políticas, respectivamente, pessoas perdendo direitos, empregos, tendo fome. Foram as reuniões de colegiado que me fizeram perceber o quanto a rede faz-te correr para um lado e outro, às vezes sem sentido. Estas reuniões aconteciam semanalmente, respeitando a rotatividade entre os CAPS, o que foi bastante positivo para mim e Roger, que trabalhávamos apenas no CAPS II Capilé.

Toda quarta-feira de manhã, em reunião do colegiado gestor, ouvia relatos das coordenações dos CAPS, procurando entender o funcionamento da gestão, mesmo que, por muitas vezes, sentindo que poderia estar realizando mais trabalhos, porém o CAPS em que atuava demandava mais de nós, então nosso trabalho se tornou mesclado, já que os dois cenários se encontravam na mesma casa. Roger, meu R2 e eu, participávamos rigorosamente das reuniões de colegiado gestor, RAPS e demais atividades e solicitações que iam surgindo no decorrer da semana.

Posso afirmar que este panorama de atuar em dois cenários encontrados na mesma casa contribuiu para minha formação, pois nossa carga horária foi dedicada exclusivamente num lugar só, onde foi possível nos introduzirmos rapidamente na equipe e nos processos de trabalho. Este é um exemplo de quando digo que São Leopoldo só me traz turbilhão de saudades! Impactos positivos.

Fechamento com sentimentos  
residente com memórias  
fazem moradia  
todos os dias;  
trabalho com disponibilidade  
cotidiano com felicidade  
reuniões com observações  
mas nunca sem ações;  
fechamento com sentimentos  
que atravessam os tempos  
gratidão por tudo que me moveu  
e que no Capilé, me desenvolveu.

Ouvi, antes de chegar aqui, que deveria deixar algo pela residência, deixar minha marca para que lembrem da importância que foi para mim estar nestes cenários. Entre angústias e medos de fazer pouco, sinto-me equivocada ao pensar que os pequenos detalhes seriam invisíveis, porém grandes lembranças que tocariam as memórias das pessoas? O que seria este fazer, já que pouco falo em aula, mas muito escrevo? Que registro seria além do que faço nos cenários, não fugindo daquilo que é o trabalho em si, dos atendimentos, dos grupos, das ideias, das amizades e dos vínculos não só com usuários, mas também com os colegas? Se pouco falo em aula, porque preciso absorver o que dizem, como irão saber o que penso, o que faço? Foram vidas que passaram, uma vez ou outra, trazendo-me um pão recém feito no sítio, um chocolate, um brinco, até um saco de feijão recém colhido! Pessoas que ligam para desejar feliz dia do psicólogo e o mínimo que tu retribuis é um muito obrigada, mesmo não sendo psicóloga!

*Que linda que tu estás, eu adoro o jeito que tu te veste! – falou a usuária. Mal sabe ela que precisei colocar um macacão hoje, porque todas as minhas calças estão para lavar e eu não tenho máquina de lavar, preciso esperar que os dias de chuva passem para poder lavar no tanque. Entramos na sala de atendimento e tinha algo diferente no ar. Mas era um diferente bom. Noto que em suas orelhas haviam brincos, em seu pescoço uma gargantilha, e que ela me olhava com um certo brilho, ainda que um pouco ofuscado, que tinha ali no fundo dos seus olhos uma luz. Pergunto como está, ela diz que hoje estava melhor, mas que os dias são assim: uns melhores e outros não. Ela me pergunta se eu gosto do que eu faço, se quando eu saio de lá, esqueço a vida de todos com quem conversei durante o dia. Então respondo que o cuidado não é feito só em*

*quatro paredes, que vai muito mais além de uma conversa, e que sim, que eu gosto do que faço. Ela diz que já sabia, que vê em meu olhar, que a recebo com sorriso, que não sou “aquelas psicólogas” tristes, e que quando ela me vê, fica feliz por perceber que eu gosto de ajudá-la. Mal sabe o quanto essa sua fala mudou meu dia, depois de ter passado um final de semana terrível, e que ontem, em terapia, falei do quanto é difícil parecer estar bem quando o mundo está desmoronando através de crises de ansiedade. Hoje meu dia mudou no início da manhã, porque as palavras dela não só fizeram eu me sentir melhor, mas identificar que meu trabalho tem feito efeito! Fiquei pensando nos dias em que parece que nada fiz, que nada mudei, mas não dá para revolucionar o mundo todos os dias, ou talvez não tem como notar, pois em miudinhos que fazemos a diferença na vida das pessoas. Esta usuária eu atendo paralelo com uma psicóloga, que estava com uma demanda muito alta e foi passando aos poucos para mim. Hoje, ela estava atendendo outra pessoa na sala ao lado, e ao sair, comentou comigo que ouviu a voz da usuária, mas não acreditou que fosse quem pensava. A minha felicidade foi tanta hoje, eu sei que semana que vem ela poderá não estar tão bem assim, mas eu acredito que aos pouquinhos se vai plantando a sementinha dentro das pessoas, e como esta usuária mesma diz: - é a cabeça da gente que adoece, só basta a gente descobrir o poder que tem. Diário de Campo, junho de 2019.*

O cotidiano é construído em miudezas e são elas que sustentam a luta diária. Às vezes a sensação é de tristeza ou impotência por não conseguir ajudar alguém, mas subo a escada, com alegria dando bom dia a todos, deixando as dores de lado e buscando um novo, intenso e gratificante dia de trabalho, onde tenho tido muitos momentos de reflexão, de novas oportunidades, aprendizados e conhecendo mais os seres humanos e suas peculiaridades, atuando na micropolítica.

Miudezas passam despercebidas  
assim como, às vezes, a vida.  
E para encontrar sentido nas idas e vindas,  
é preciso usar uma lente na medida  
e, em miudinhos, elas ficam floridas.

Falando em peculiaridades, havia um caso muito específico: o da filha do Fernando Henrique Cardoso. Dona Solar direcionava-se ao CAPS algumas

vezes ao mês sempre acompanhada de um papel cujo conteúdo seria sua inserção na equipe do serviço, à mando de seu pai. Recordo de uma semana que ela foi dois dias seguidos: no primeiro, chegou perto das 14h, quando iniciaria um grupo. Entrou na sala de grupos, organizou a sala, acionou os usuários dizendo que já poderiam dar início à atividade, e assim começou a coordená-la. Alguns minutos depois, a técnica responsável pelo grupo estranhou a porta fechada e foi verificar o que estava acontecendo, já que ela teria avisado o atraso de alguns minutos para o início. Quando a técnica abre a porta, a usuária está sentada à frente dos demais usuários e responde que era seu primeiro dia de trabalho como nova psiquiatra do serviço. A técnica, então, pede para que ela se retirasse, pois o serviço não foi informado.

No dia seguinte, ela retorna ao CAPS, relatando a mesma história sobre seu novo cargo de trabalho, à mando de Fernando Henrique, mas desta vez ela foi mais esperta: subiu as escadas, entrou numa das salas de acolhimento e a organizou para começar os atendimentos do dia! Uma técnica do serviço percebeu a movimentação e perguntou o que estava acontecendo, e novamente ela mostrou o papel. A técnica, então, pediu que ela aguardasse no andar de baixo e foi conversar com a psiquiatra do serviço. Neste meio tempo, a usuária ficou desconfiada e avisou à recepcionista que tinha errado de CAPS.

Porque tomar a produção dessa usuária somente como uma grave contravenção, um delírio de auto-referência? Porque não aproveitar essa sua disposição e convidá-la a participar de algum grupo, inclusive contribuindo para coordenação do mesmo. Estaríamos contribuindo para o seu delírio, ou produzindo coletivamente protagonismo e cidadania. Na história e no trabalho vivo no âmbito das reformas psiquiátricas pelo mundo, como por exemplo na Asociación Socio Cultural Radio Nikosia de Barcelona (Belloc, 2011), há diversas experiências de assembleias instituições coordenadas por usuários. Por que o CAPS, um local de acolhimento, de subjetividade, não abraçar a singularidade desta usuária? Por que o serviço não enxerga as potencialidades deste caso? Por que tomar a produção dos usuários que não se encaixam no cardápio rígido de ofertas dos serviços como uma “criação de caso”? Assim, a intensidade encontrada nas miudezas, em meros detalhes, passam despercebidas.

As leituras propostas no início desta trajetória, têm me dado muitas visões de mundo, de trabalho e pessoas. Recordo do primeiro seminário de “Saúde



Mental e as Políticas Públicas”, com a professora Sandra Fagundes, cuja aula perpetuou no primeiro tópico do segundo slide: “criar caso” diante desse desmonte que estamos vivendo nas nossas políticas, vivenciando tantas atrocidades feitas em anos de construção pelo direito das pessoas. As aulas eram tão intensas, transbordavam tantas discussões que até hoje não sei quais eram os próximos slides.

Crio caso quando ouço que o presidente da associação dos usuários quer estar no mesmo “patamar” que os representantes no colegiado gestor;

Crio caso quando um usuário é mandado embora porque “o sistema é assim” e nem sequer é ouvido;

Crio caso quando a sala dos técnicos é chamada de sala amaldiçoada;

Crio caso quando a ideia de um grupo de ouvidores de vozes é recebida como algo que não irá dar certo porque não tem quem dê continuidade;

Crio caso quando o cotidiano pode ser um pouco mais leve;

Crio caso quando um usuário em situação de rua chega às 14:03. “Mas o grupo era às 14h”; (Isto aconteceu no CAPS AD)

Crio caso quando a verdade é injustiçada;

Crio caso quando um técnico expulsa um usuário em situação de rua. Mas também crio um caso positivo quando uma técnica demonstra abertura às mudanças:

*A parede branca, da sala dos técnicos, estava branca demais. Meses atrás, no dia da Luta Antimanicomial, veio um oficineiro produzir arte através da prática do Muralismo e então, iniciou-se o Grupo de Muralismo. Após termos pintado uma das paredes da sala de grupos, no andar de cima, decidimos que entre equipe, pensaríamos um desenho para a parede branca da sala dos técnicos. Imaginamos uma grande mandala bastante colorida! Entre nós, residentes e estagiárias, observamos que até mesmo a técnica que a apontava como uma sala amaldiçoada fez suas contribuições com corações no meio da mandala. Além disso, de vez em quando ela vai na sala e conversa conosco. Talvez seja coincidência ou até mesmo uma construção de vínculo, mas de uma coisa temos certeza: quando o trabalho é pensado no coletivo e colocada a boa vontade e disponibilidade, fazemos diferença. Diário de Campo, julho de 2019.*

Talvez a técnica nem tenha percebido sua atitude, mas para nós, residentes e estagiários criadores de casos, o objetivo foi alcançado. Hoje, ela ainda nos envia mensagens saudosistas e no fim de cada uma, há um coração.

Concluir o primeiro ano da residência foi um processo de entendimento de começos e fins. Quando saí do CAPS pela última vez, numa tarde quente, foi como se não houvesse motivo para esta finalização, afinal, gostamos de estar onde nos sentimos bem. Agradeço tanto à vida por ter tido a oportunidade de trabalhar em São Leopoldo, onde além do trabalho, também pagava minhas contas, ia aos bancos, quando necessário, enfim, realizava todas as demandas cotidianas. Uma cidade pequena, que me lembra um pouco de Jaguarão, minha cidade natal. Talvez seja um entendimento de criação de raízes fortes, de reconhecimento em fechamentos, mudanças e reencontros afetivos. Um percurso atemporal, construído dentro da disponibilidade de reencontrar-me nos âmbitos pessoal e profissional, provando para mim mesma que os limites externos impostos sobre o meu ser, antes de aqui chegar, transformaram-se em libertação dos meus sentimentos e da minha vontade de viver integralmente.

São perceptíveis as dificuldades dos serviços de saúde diante dos desmontes vividos nos últimos tempos, e por este motivo muitos profissionais tem adoecido, sofrendo ataques, assim como Cabral e Belloc (2019) apontam como um plano macropolítico que desde 2016 vem retirando os direitos dos cidadãos que foram conquistados depois de muito tempo, além da presença da extrema direita no poder que vem agravando na precarização da conjuntura. Assim, penso nas estratégias de cuidado que nós, residentes, podemos articular e auxiliar a equipe onde nos inserimos durante um ano, evocando um fazer na perspectiva ético-política de um processo de aprendizagem que não seja solitário, mas sim solidário. É necessária uma determinação coletiva, não compactuando com as perversões compulsórias que têm vindo do Estado, as quais não alinham a visão de mundo dentro do modelo de atenção psicossocial que visa o cuidado em liberdade, mas sim um processo de trabalho saudável.

A residência nos permite viver e aprender.  
A vida nos permite sonhar e concretizar.  
O sonho nos permite praticar e aprofundar.  
E a prática nos permite cada vez mais,  
por todas e todos, lutar!

Quais nossos sentimentos, quando, vivendo uma conjuntura tão difícil? É preciso encarar o tempo como criador de memória, visto que a partir dela que deixamos nosso trabalho, para que no futuro, mesmo ausentes, possamos estar presentes na memória de um trabalho coletivo que lutou pelo direito e pela vida de quem ainda nem conhecemos. Acredito na força que o tempo tem sobre a memória que trabalhamos tão verdadeiramente para deixar a quem buscará pelos mesmos sentidos que nós. Hoje, residente em saúde mental coletiva, penso no futuro, e em que as próximas pessoas que passarão por aqui daqui dez, vinte, trinta ou até mesmo cinquenta anos, irão ter como trabalho, como memória presente, como um futuro que foi almejado com muita luta, resistência e vontade, pois não há trabalho que seja bem feito com duas coisas as quais acredito primordiais para que um projeto seja realizado: começar com otimismo e vontade.

Como terapeuta ocupacional, acredito que o cuidado se dá além do trabalho no cotidiano, pois convivendo com as pessoas no CAPS, sejam elas equipe ou usuários, tenho como objetivo a construção de um viver humanizado que acolha, e principalmente se utilize da escuta qualificada para a melhor compreensão sobre a vida das pessoas, e principalmente o respeito da relação delas com o mundo.

## **6. “O tempo move memórias; memórias movem desejos; desejo ancorado move.”**

Considero a potencialidade dos encontros e dos motivos que não são descobertos quando queremos justificar alguns deles, como por exemplo o trabalho em São Leopoldo, onde conheci a Laísa. Chegando no fim de sua residência, minha amiga foi realizar seu estágio optativo na Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, acompanhando a Rosa Rosado<sup>6</sup> em seu trabalho com a população indígena. Laísa, sempre engajada e disposta a participar de tudo que seu coração lhe pede, também estava participando de um projeto com imigrantes da professora Sandra Fagundes. Um certo dia, já este ano, quando estávamos conversando sobre um evento online que ela participou, comentou comigo sobre uma troca que havia feito com a Sandra, que lhe disse: “Desejo ancorado move, Laísa”. Ao ouvir esta frase, senti um arrepio em meu corpo e disse a ela que tinha que anota-la, pois havia muito sentido colocar neste trabalho, não só pela amplitude de reflexões que ele traz, mas também por esta sensação de conexões que todas estas vivências trazem. Considero a naturalidade desses atravessamentos dos caminhos onde os encontros vão acontecendo e as memórias criando raízes afetivas, onde os desejos são coletivos e as mudanças mexem-se assim como ondas vem e vão, levando e trazendo histórias numa expansão incalculável de vida como a água, pois a imensidão de desejos ancorados também movem.

Considerando as memórias do primeiro ano da residência, também tenho guardado as do segundo ano em seus detalhes através das telas tecnológicas, trabalhando remotamente, diante uma pandemia que parece não ter fim. A realização dos grupos e atendimentos individuais sem locomoções e histórias de trajetos vão totalmente de encontro às expectativas para este ano. Privilegiados nós, que podemos trabalhar em casa, porque temos casa. Hoje, as memórias tem sido criações imaginárias de um sonhado encontro movido por braços e abraços, mas enquanto isso não é possível nos adaptamos às plataformas virtuais, sabendo que o mínimo tem sido feito, mesmo este pensamento sendo contraditório em relação ao ano passado. Porém, hoje, neste ano de 2020, mais

---

<sup>6</sup> Rosa Rosado, bióloga de formação, coordenadora da gestão de população indígena na Secretaria Municipal de Saúde da cidade de Porto Alegre.

do que nunca: cuidar de nós é cuidar do outro. É pensar que as relações tem vivido de memórias, para que assim possamos, em segurança, planejar novos trajetos para o futuro, adaptando-se à realidade pandêmica que cotidianamente tem nos convidado à reinvenção, assim como Gros considera que uma vez que é dado o início, é necessário avançarmos, mesmo que não pareça fácil “e ao fim do cansaço e do caminho, chega-se lá sempre, basta ir acrescentando as horas umas às outras e dizer-se: vamos! Estava escrito, era certo. Quando se está à pé, para chegar deve-se caminhar. A vontade se fez destino.” (GROS, 2010, p. 160)

Antes do isolamento social começar, realizamos as visitas aos cenários de prática, sendo o primeiro a Unidade de Saúde Chácara da Fumaça, local que eu já havia ouvido falar quando cheguei aqui, num desses encontros inesperados que se deu na esquina de um café do centro histórico com meu orientador Marcio Belloc, no início da residência, que me disse: “- *Lá na UBS Chácara da Fumaça trabalham com as PICS! Acho que tu irias gostar.*” Essa fala ficou guardada com muito carinho, pois sempre gostei das práticas integrativas e complementares.

O ingresso na Unidade de Saúde Chácara da Fumaça se deu de uma maneira ímpar, dando início às preceptorias online e logo a proposta da criação de grupos e atendimentos remotos, via whatsapp. Algumas semanas depois meu preceptor Márcio Eduardo Brito retoma o grupo de meditação que já existe na unidade há quase nove anos, mas agora pela plataforma Zoom. Toda semana ele mandava contatos de usuários da unidade para acolhimento e criação da agenda de atendimentos individuais e grupos. Neste sentido foram criados os seguintes grupos: A Tropa do Posto, um grupo de adolescentes; Re (existência), grupo de mulheres que foi tomando um viés de ajuda mútua sobre empreendedorismo; Amigas da quinta-feira, grupo de mulheres mais velhas com uma demanda mais direcionada à família; Amanhecer, grupo já existente na UBS, que já havia sido coordenado por outras residentes de anos anteriores como um grupo de terapia comunitária.

O mês de abril estava finalizando e o início de maio se aproximando, mês marcado pela Luta Antimanicomial, que foi quando se iniciou uma conversa movida pela saudade entre alguns colegas residentes. Marcamos uma vídeo-chamada para conversarmos e rirmos um pouco. Foi aí que surgiu a ideia de

convidarmos os outros colegas residentes para realizarmos uma live onde pudéssemos nos divertir. Uma colega puxou o violão e começamos a cantar, quando outra pergunta: “- *Gente, o que iremos fazer no dia 18 de Maio? Ano passado teve um movimento tão incrível na Redenção*<sup>7</sup>.” Foi então que ousamos pensar em algo um pouco maior que apenas uma live entre nós, como a criação de uma página onde pudéssemos convidar mais pessoas entre profissionais e usuários dos serviços de saúde mental a transbordarem seus afetos conosco. Um colega dá a ideia do nome Loucura Live e assim treze dias antes foi criada a página na plataforma Facebook, que seria a de mais fácil acesso às pessoas. Colocamos a imaginação no trabalho e criamos um vídeo de chamada que pudéssemos divulgar convidando para nossa *live* dia 19 de maio às 19h. A página foi criada, editei o vídeo em poucas horas e colocamos na rede, arrepiadas, tomadas de expectativas e ansiedade! Chegou então, o dia do nosso evento: foram três horas e quarenta minutos de duração!

A primeira *live* da Loucura Live foi a partir de um tamanho nervosismo, dividindo a abertura com minha colega e parceira Eduarda Maria Ximendes<sup>8</sup>, companheira de um entusiasmo e um amor tão delicado e fortalecido pelo desejo dos encontros. Em sua companhia, viramos madrugadas pensando em cada detalhe dos próximos eventos, cuidando de cada elo que costuramos nessa colcha de retalhos que temos encontrado neste momento, pois é a partir de cada pessoa que participa deste evento que a potência toma uma concretude em palavras, olhares e sorrisos através das telas. São momentos extremamente felizes em que esquecemos de tudo e vivenciamos aquele instante com tamanha alegria e não há pandemia que nos entristeça, pois ali é um local de produção de arte, afeto, memórias, sorrisos e gargalhadas! São encontros de vida, de histórias e de sentimentos! São serviços, como o Geração POA, que fecha sua agenda para que os oficinairos possam participar tanto da organização como das apresentações!

---

<sup>7</sup> Popularmente ainda chamado por seu nome original, Parque da Redenção, oficialmente mudado para Parque Farrroupilha, de grandes dimensões, situa-se em área central de Porto Alegre, marcada não só pelos espaços arborizados, alamedas, espelhos d'água etc., como também por ser um local muito utilizado para manifestações e intervenções coletivas e multitudinárias.

<sup>8</sup> Eduarda Maria Campelo Ximendes, assistente social, minha amiga e colega, tem sido minha companheira em diversos momentos nesta residência, assim como projetos para a Loucura Live.

A Loucura Live já atravessou cidades da metropolitana, do interior do Sul do Estado e acredite quem quiser, mas já tivemos apresentação diretamente de Portugal! A Loucura Live atravessa cidades, Estados, assim como a granditude do amor que temos por essa página, pelo trabalho que vai muito além de uma carga horária, mas que produz memórias e singularidades que vêm do nosso coração e da vontade e disponibilidade de deixar história nessa residência num momento tão delicado como o que temos vivido! A Loucura Live vem para mostrar que é possível construirmos momentos de alegria, de troca de afetos através das redes tecidas ao longo da nossa trajetória, assim como a percorrida pelos anos de vida desta resistente residência multiprofissional a qual temos tanto orgulho de fazer parte!

Ao longo destes meses realizamos mais uma live de festa junina, mais a criação de outros espaços, como o de bate-papo, chamado de “PodPapo”, divulgação de trabalhos de pessoas que nos pedem apoio, divulgação de páginas, postagens de músicas, poesias, eventos e comércios locais. A Loucura Live tem nos fortalecido em diversos momentos, assim como torna-se um refúgio quando o trabalho pesa. Por isso, faz tanto sentido reforçar a fala da professora Sandra: “- *Realmente, desejo ancorado move!*”

O segundo ano da residência tem sido uma busca incessante de atividades para preencher a carga horária, como se o trabalho que começou remoto não fosse o suficiente. Assim como a Loucura Live possibilitou trabalhar com outras pessoas, Letícia<sup>9</sup> e eu fomos convidadas pelos colegas residentes Moisés Melo, psicólogo e Bárbara Perdonssini, educadora física, que atuam no campo Equipe de Saúde Mental Adulto/ Leste Nordeste (ESMA LENO), sendo do mesmo território que a UBS onde atuamos, para participarmos do Monitoramento COVID-19, entrando no sistema, criando uma tabela de pessoas notificadas semanalmente e fazendo contato via whatsapp para disponibilizar um suporte em saúde mental. Após dois meses de atividades conjuntas, fomos convidadas a participar dos seminários semanais realizados pelos residentes, estagiários e o preceptor Sandro Novelli, para discussão de textos e livros, produzindo conhecimento e trocando leituras. Nesse preenchimento de horários, sinto meu corpo pedindo as itinerâncias, as caminhadas até a parada de ônibus

---

<sup>9</sup> Letícia Costa Piasenski, psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC RS), minha microequipe do segundo ano da residência.

e os quarenta e cinco minutos de trem até São Leopoldo. Foi quando em uma reunião com a coordenação, foi aberta a possibilidade de ida aos campos:

*Olá, meu caderno andarilhante! Que saudade estava de ti! Hoje, fui pela primeira vez à trabalho até a UBS! Como foi bom sair de casa, caminhar até a parada do Hospital de Clínicas e esperar o ônibus, subir, me sentar, colocar os fones de ouvido e começar a observar um novo caminho, novos prédios, novas referências no percurso e um novo tempo contado no relógio. Fiquei feliz que consegui pegar o ônibus que faz o trajeto maior, o Rubem Berta/Jardim Ypu, pois assim faço um caminho bem maior, podendo observar a vida que ainda há do lado de fora das janelas. Cheguei no trabalho com um sentimento de novidade, mesmo sabendo que há meses tenho trabalhado em casa, vendo a equipe e me apresentando às pessoas como se estivesse recém chegando, mas há meses pertencente àquele lugar. Foi muito bom! Moa e eu realizamos o grupo, gravamos um vídeo com uma paródia para postarmos na página da unidade no facebook, para que assim possamos divulgar mais o trabalho das residentes. Para variar eu não poderia chegar sem deixar um registro: estávamos lá atrás, no pátio, em cima dos pallets e num determinado momento fui me sentar na cadeira, uma das patas foi para o meio das madeiras, cai por cima da cadeira e na tentativa de me segurar na cadeira que estava ao lado a derrubei e ainda quebrei! O Moa deu risada, ainda tirou fotos e enviou para o grupo da unidade! Ou seja, lá chegou a Lauren sendo Lauren! Ótima maneira de se apresentar no trabalho! Mas tudo bem, já me acostumei comigo! O que importa é que estou muito animada podendo vir até o trabalho, ver as pessoas e quem sabe dar início a novos projetos, mesmo com as dificuldades pandêmicas! O que me animou é que o Moa tem essa vontade de auxiliar nas atividades e disse que me apoia no que quisermos fazer. Diário de Campo, agosto de 2020.*

Dados cinco meses imersos no trabalho remoto, começo a ir até a unidade uma vez por semana e depois aumentando para duas, dias consistindo em terça e quinta-feira, quando na terça eu participo do grupo com o agente de endemias Moacir, diretamente da unidade e a Letícia em casa, via whatsapp, com os demais componentes do grupo. Na quinta-feira, o grupo “Amigas da quinta-feira” já não havia mais acontecendo, pois acreditamos que as demandas do início da pandemia já haviam sido cessadas, já que as componentes do grupo não



estavam mais participando. Fizemos contato com todas elas, perguntando se haveria desejo de troca de horário, mas todas disseram que poderíamos continuar como estávamos, e mesmo assim não houve retorno.

A quarta-feira é dia de grupo de meditação no turno da manhã, realizado de forma remota pelo aplicativo Zoom, o que acredito ser um desafio para o Márcio, que há nove anos realiza esse grupo presencialmente na unidade. São anos que ele dedica duas horas semanais para levar a meditação às pessoas, explicando ser uma prática integrativa e complementar do SUS, as convidando para conhecer uma nova maneira de olhar as situações, aceitando que não temos controle, mas há liberdade de escolha nas nossas ações. Foi então que iniciaram-se as novas conexões, de forma sutil:

*Hoje teve grupo de meditação. Mesmo toda semana o Marcio começando o grupo falando as mesmas coisas, parece que sempre tem uma perspectiva diferente nas palavras que ele diz. A alegoria da mão na chapa quente, da água com terra que está turva, as escolhas, tudo isso me faz pensar em tanta coisa que aconteceu desde que cheguei na residência, assim como os meses iniciais em que eu estava numa prisão psicológica, sendo proibida de ter amigos, de falar muito, e de preferência não fazer nada que pudesse causar vergonha. O Marcio toca em sentimentos que ainda estão sendo entendidos, mas de uma maneira peculiar. Hoje, novamente ele deu o exemplo da mão na chapa quente, que nós tiramos instantaneamente quando sentida a dor, e deveria ser assim quando somos invadidos pelo passado, pois a nossa mente tem liberdade e nós precisamos saber encontra-la no nosso próprio silêncio. Parece que tudo tem se conectado, assim como a finalização da residência e a escrita do meu TCR tomando fim, mas é uma conclusão que se torna redondinha, pois passei exatamente pelos lugares que precisava, conhecendo justamente quem precisava conhecer, dentro de tantas possibilidades de cenários de prática! Como não amar essa residência?! Diário de Campo, julho de 2020.*

Iniciada a ida também às quintas-feiras, o Marcio propõe que realizássemos uma ação na frente da unidade para que pudéssemos divulgar nossos atendimentos em saúde mental e foi assim que criou-se a *Quinta Mentaleira*, sendo colocado um cartaz que fiz questão de fazer bem colorido com a seguinte frase: “como vai sua saúde mental?”. Assim, nas quintas-feiras pela manhã Letícia e eu ficamos na frente da unidade conversando com as pessoas

que acessam a unidade, divulgando o trabalho que temos realizado desde março e entregando panfletos com o objetivo que elas comentem com os demais familiares e vizinhos. Esta ação tem dado muito retorno:

*Hoje teve quinta mentaleira! Conversamos com várias pessoas! Apareceu o Manoel, que faz parte da Associação Nacipaz<sup>10</sup> e foi ao nosso encontro para conversar sobre atividades no local! Como ele está envolvido na campanha eleitoral, falou sobre a Dona Irma, quem tem retomado o grupo de Geração de Trabalho e Renda que, em meio a pandemia, as atividades têm no máximo duas trabalhadoras por dia. Foi então que, muito empogalda, peguei o contato desta senhora, mas não foi preciso porque em alguns minutos Manoel retornou à unidade acompanhado por ela, que chegou toda faceira para conversar conosco! Disse que as residentes sempre fazem uma diferença enorme na associação e que estão precisando do nosso auxílio! Combinamos de então na segunda-feira eu aparecer na associação para pensarmos em algo! Diário de Campo, outubro, 2020.*

Foi na inserção na oficina de geração de renda que comecei a me sentir mais pertencente ao território, às atividades comunitárias, expandindo o cuidado de dentro da UBS, caminhando pelas ruas, mapeando visualmente as esquinas, o comércio, as praças e as pessoas. A primeira vez que entrei naquela sala cheia onde são realizadas costuras de produção de vida, me apaixonei. É uma sala aconchegante, com uma mesa grande, cinco máquinas de costura posicionadas uma ao lado da outra, além de um armário com vários tecidos e retalhos, que de acordo com as costureiras, é o Marcio quem lhes consegue a maioria.

Um certo dia, retornando para casa, subo no ônibus, como já havia fazendo cotidianamente, quando num dado momento chama-me atenção uma criança correndo pelo corredor, com o ônibus em movimento, e senta-se nos bancos de trás. A avó vem logo atrás e diz: “- Não iremos sentar aí! Nós, negros não sentamos nos bancos de trás, porque durante muito tempo só podíamos sentar aí, então hoje nós sentamos onde quisermos!” Mesmo já tendo conhecimento disto, continuei o caminho até em casa refletindo sobre o que ouvi, esta realidade dura que é silenciada e esquecida por conveniência daqueles que

---

<sup>10</sup> Associação Nacipaz é a Associação Comunitária Natureza, Cidadania e Paz, localizada ao lado do CRAS Nordeste, no Bairro Mario Quintana, a uma quadra da Unidade Básica de Saúde Chácara da Fumaça.

julgam, sem ter a experiência marcada em sua pele, em sua história. Ela foi até o fundo, segurou a criança e sentou-se num banco à frente do meu, o que me permitiu ouvir um pouco mais daquela conversa, o que me fez lembrar das palavras de Gros ao dizer que caminhar é a realidade por si só, acerca das verdades, da realidade:

Caminhar é passar pela experiência do real. Não da realidade enquanto pura exterioridade física nem como aquilo que conta para um sujeito, mas a realidade como o que aguenta firme: princípio de solidez, de resistência. Caminhar é, a cada passo, coloca-la à prova: a terra aguenta firme. A cada passo, é o peso de todo meu corpo que se apoia e salta para frente, toma novo impulso. (GROS, 2010, p. 98)

Considero que a pandemia tem prejudicado esses movimentos coletivos que gostamos de realizar na saúde mental, a aglomeração de desejos e trabalhos, cujo formato tem sido em quadrados de uma tela que muitas vezes apresentam apenas fotografias e vozes. Esta nova realidade nos limita aos encontros e desencontros que o caminhante tem o privilégio de experienciar, que de acordo com Gros (2010, p. 88) “ao caminhar, eu não passo de um simples olhar.” Olhar, que significa permitir-se às surpresas dos trajetos que fazemos, assim como as pessoas que cruzam as ruas e acabam, por coincidência ou não, marcando história numa das esquinas da vida:

*Hoje saí da UBS e peguei o ônibus, como tenho feito toda terça-feira enquanto não retorno 100% presencialmente ao cenário de prática. Desço do ônibus na esquina do Hospital de Clínicas e paro ao lado do semáforo. Observo uma moça apertando o botão para ascender logo o sinal de pedestre. O sinal abre e ela sai num caminhar rápido. Eu também, no meu caminhar rápido, acabo que me aproximando dela, quando me olha e faz um comentário sobre o tempo, sobre o frio. Descemos a Ramiro Barcelos conversando e ao chegar na esquina que nos separaria, paramos e com o distanciamento certo ficamos conversando um pouco. Ela me contou que estava indo para a missa de sétimo dia de seu primo e ao longo da conversa perguntou meu nome e o que eu fazia naquele momento. Ao responder, ela me contou que havia participado de um grupo de mindfulness no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, e que lhe teria feito muito bem, mas no fim acabou não podendo mais comparecer devido a pandemia. Naquele momento lhe perguntei se teria o interesse em participar de um grupo de meditação online, que meu preceptor da UBS tem realizado via aplicativo toda*

*quarta-feira de manhã. Para minha surpresa, ela ficou imensamente feliz e disse que com certeza participaria. Lhe adicionei, naquele momento, nos meus contatos do celular e lhe enviei o link da atividade. Hoje pela manhã, meu preceptor lhe deu as boas-vindas, perguntando diretamente a mim se era eu quem havia lhe convidado. Respondi: “- Sim! Tu não disseste que podemos convidar quem quisermos? A conheci ontem, descendo do ônibus!” Acho que soou um pouco estranho para o Marcio, mas ele riu e disse: “- É isso mesmo!! Seja bem-vinda!” Diário de Campo, setembro de 2020.*

Após esta lembrança, relembro o conceito de Badiou (2015), ao falar sobre os acontecimentos, enfatizando o sentido dos encontros e do estar exatamente onde devemos, no momento certo, pois as experiências que temos no caminhar são subjetivas, porque o que encontramos nas nossas itinerâncias são singularidades de olhares. É como uma fotografia de um mesmo local: podem haver várias, mas nenhuma delas será igual, pois cada pessoa irá registrar de acordo com o seu ângulo, com a posição do seu corpo.

Anteriormente comentei sobre o encontro com as Práticas Integrativas e Complementares (PICS) e a importância que tem sido trabalhar com algumas delas durante esse tempo, assim como o aumento do interesse em participar de eventos para expandir meus conhecimentos e talvez um dia possa ter a oportunidade de trabalhar mais ativamente, unindo a terapia ocupacional com esta grandeza de possibilidades que a natureza nos oferece. No ano passado, no CAPS Capilé, recebemos a visita de uma possível parceria para começarmos a trabalhar com as PICS, após a revitalização da garagem, que seria o local realizaríamos as práticas, como o reiki, meditação e cromoterapia. Infelizmente, por questões burocráticas vindas da gestão, não conseguimos erguer este projeto, sendo realocado em nossos desejos. Portanto, guiada pelo inesperado e extraordinário destino, reencontrei as PICS no cenário escolhido em 2020, que tem sido um lugar fascinante, abraçando o desejo de trabalhar com algumas práticas, mesmo com os atravessamentos da pandemia. Neste caminho, como Gros (2010, p. 129) já nos descreve, o tempo torna-se reversível:

Chegar caminhando àquele lugar cujo nome fez sonhar o dia inteiro, cujo aspecto se imaginou longamente, ilumina, de forma retroativo e compensatório, o caminho. E o que foi efetuado com fadiga e por vezes tédio, perante essa presença absolutamente sólida que justifica tudo, passa a constituir uma série de momentos necessários e alegres. Caminhar torna o tempo reversível.

Abraço-me às vontades reencontradas, diante práticas que fazem o corpo vibrar, como a horta comunitária já existente na associação NACIPAZ, ficando à mercê de cuidados nos últimos meses, por conta da pandemia. Quando iniciado o trabalho na Gerarte, oficina de geração de renda, conversamos sobre a possibilidade de limparmos o espaço da horta e cuida-la. Nesta semana, uma senhora que já acessa a UBS há bastante tempo e que conhece e participava das atividades na associação, antes da pandemia, se ofereceu a auxiliar na limpeza da horta, demonstrando interesse prontamente. Passamos uma parte da manhã limpando, paramos para participar do grupo de meditação que tem acontecido online e depois voltamos na parte da tarde, quando já estava pegando sombra na área. Durante a limpeza, entre uma capinada e outra, conversamos naturalmente sobre algumas questões que ela traz como sofrimento e que tem tentado enxergar de outra maneira a partir das conversas que tem nos grupos e com o Marcio. É incrível a diferença entre conversar dentro de uma sala na UBS e estarmos com as mãos na terra, mexendo nas plantas, na batata-doce, no aipim, colhendo os tomates e conversando acerca das memórias que se atravessam neste cuidado, observando toda sabedoria que ela tem diante esta experiência que já lhe acompanha há muitos anos. A naturalidade do seu envolvimento, puxando o excesso de folhas, conhecendo cada plantinha e até brincando: “- Pode vindo, tu não vais ficar aí, não! Tá pensando o quê?!”...

Retorno às palavras do Marcio, durante o grupo de meditação: “- Não há dinheiro no mundo que pague a experiência que a gente tem diante as percepções da vida!”... na verdade, a frase não é bem essa, eu só uni algumas reflexões que ele traz, numa frase só! (risos) e são esses sentidos construímos por onde passamos! Neste processo singular de encontrar-me num serviço faz-me sentir viva ao deparar-me procurando uma palavra que explique ou que possa representar todas essas vivências. Confesso que não é fácil escolher apenas uma única palavra.

Quando entrei na residência, a abracei com todo carinho diante o percurso que corri para conseguir uma vaga, e aliada a este sentimento que me permiti ser eu em cada lugar por onde passasse: a gestão, o CAPS Capilé e a Unidade Básica de Saúde. Todo este trajeto foi alinhado cuidadosamente, passando por

São Leopoldo, onde ganhei um grupo lindo de amizades e finalizando na UBS Chácara da Fumaça, onde também encontrei pessoas muito queridas, inclusive o meu preceptor, que tem uma visão tão delicada e espetacular diante às situações, além de trabalhar com práticas integrativas e complementares, que têm meu coração. Descubro-me uma residente disposta a encontrar sentidos àquilo que compromete-se, permite-se e deseja. Participar do grupo de meditação foi uma experiência incrível, que ocorreu da forma exata como deveria ser, contribuindo com o meu processo de entendimento nesta caminhada de dois anos.

Todos nós somos invadidos pelo passado e pelo futuro, mas é no presente que a vida se encontra, nos desejos que nos disponibilizamos a compartilhar com o coletivo, deixando-se fazer parte dele, abraçando a abertura que a esplêndida experiência da vida simplesmente nos dá: a viver. Bondía (2002), nos ensina que a experiência é o que nos toca, assim como Benjamin (1987) já descrevia a experiência cada vez mais rara. Estes autores refletem sobre o vazio que se encontra diante o mundo moderno e possíveis motivos que justifiquem o modo que nos relacionamos com os acontecimentos, concluindo que a falta de experiência pode se dar pela velocidade, a falta de tempo, o silêncio, excesso de trabalho, tornando-se dimensão entre a travessia e o perigo.

Se há vontade, há um caminho, e cada caminho terá sua própria experiência à procura da felicidade, que, segundo o Márcio, pode ser vista no brilho dos olhos. Descobrimo em nosso próprio silêncio, possibilitamos sua expansão, contagiando o mundo inteiro, pois percebemos a vida a partir do que fazemos no mundo.

O tempo move memórias, memórias movem desejos; desejo ancorado move. As memórias que levo comigo são inerentes ao passado, ao presente e ao futuro, desprendidas de um único desejo, ancoradas às vivências, encontros e caminhos que a vida proporciona, construídas coletivamente nas itinerâncias deste longo trajeto recheado de instantaneidades que é o ser residente em saúde mental coletiva.

Não somos corpos passageiros  
Somos corpos inteiros  
Somos lembranças  
Deixadas onde nossos corpos alcançam

## **7. A vida é a arte dos caminhos, encontros e memórias**

Se não houvessem os mesmos encontros, não haveriam as mesmas histórias. Acredito que tudo foi exatamente como deveria ser. Gros (2010, p. 213), defende que “caminhar faz vir naturalmente aos lábios uma poesia repetitiva, espontânea, palavras simples como a batida dos passos no caminho.” Assim como já mencionado por Vinicius de Moraes, “a vida não é brincadeira, amigo; a vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”

E se não houvessem os mesmos encontros, não haveriam estas histórias nem as mesmas memórias. Não haveriam os mesmos desejos, mesmos sorrisos, mesmos afetos, mesmos sonhos, os mesmos caminhos, as mesmas errâncias. Mas haveria a vontade, a disponibilidade de estarmos nos espaços coletivos, de nos encontrarmos com nossos pares, fazendo casa numa residência, deixando um pouco de si por onde passamos e levando um pouco dos lugares por onde caminhamos.

Ser residente é transformador. Passei exatamente por onde deveria passar, me conectando com as pessoas que estavam ali por algum motivo, a vida é uma conexão em si, dos encaixes dos cenários, dos caminhos, os acontecimentos, encontros e amizades. Retorno à Gros (2010, p. 83) quando afirma que “[...] não há mais nada a aspirar nem a esperar. Só há que viver, deixar-se existir. Por não ter mais que ser alguém, é só deixar-se ser atravessado por uma correnteza, ou melhor por esse insistente fio de existência.”

Finalizo esta residência multiprofissional em saúde mental coletiva, sentindo-me pertencente dos locais por onde passei e também de um programa que me auxiliou a crescer profissionalmente, subjetivamente e espiritualmente. Acredito que quando colocamos o amor e a vontade de aprender diante as experiências que a vida nos entrega, estamos abertos à todos aprendizados que cruzam nosso caminho. E este trabalho significa justamente isso: aprender enquanto caminho, enquanto observo, abraço, trabalho, brinco, choro e rio. Fui rio, me esparramei pelas itinerâncias, me permiti às errâncias.

Concluo esta residência com as memórias de quando cheguei, emocionando-me ao pensar nas aprendizagens, nas caminhadas e em todas as pessoas que encontrei pelos serviços que tive a oportunidade de trabalhar. Gros (2010, p. 89) diz que “o corpo se junta à terra que ele pisa. E progressivamente,

dessa maneira, ele não está mais na paisagem: ele é a paisagem”, o que me faz pensar que somos a união do percurso e do aprendizado do mesmo. Somos a terra que pisamos, somos tudo que há de vida plantado pelos locais que realizamos as itinerâncias durante nossa vida, somos sementes, deixamos um pouco de nós, levamos um pouco dos passantes que marcam nossas vidas, nossos corações.

Ao repensar o ano de 2020 e todo trabalho realizado, uso as palavras de Sêneca, quando diz que: “a vida pode até ser breve, mas o que a prolonga é a arte do seu uso” (2019, p. 9), e além disso, afirma que precisamos viver o agora e que a velocidade do tempo está fora do nosso controle, pois a evolução de cada um consiste na elaboração de acordo com sua memória. Portanto, ousou dizer que reconstruímos a memória através do tempo e da abertura às experiências da vida, o que faz-me acreditar que tenha encontrado uma palavra que defina esta residência: *serendipidade*. Permiti o meu corpo experienciar as mais incríveis surpresas que o ato de caminhar poderia me presentear.



## **8. Fim desta caminhada**

Caminhante,

Ser residente é uma das experiências mais genuínas que pude vivenciar em minha vida. Ela desperta não só sentimentos, mas olhares atentos às itinerâncias apresentadas no decorrer das vivências, além dos encontros e memórias construídas durante os caminhos traçados. São insuficientes as palavras para expressar a gratidão que invade meu corpo andarilho neste percurso, que demanda tamanha sensibilidade e olhares, tanto para o lado de dentro quanto para o lado de fora. Caminhante, somos nós, quando nos permitimos encontrar sentidos os quais nem sabemos ao certo quais são, e que, naturalmente, fluem o viver, em contextos leves e duros, à medida que as caminhadas são compreendidas. O tempo e a experiência de uma residência não cabem inteiras num trabalho de conclusão. Afinal de contas, não se trata de relatar todo o vivido, tal como o Funes, o memorioso, de Jorge Luis Borges que, para contar sobre um dia precisava de vinte e quatro horas, pois narrava cada segundo, não se esquecia de nada. Trata-se, ao contrário, de destacar as experiências que ancoraram a formação em saúde mental coletiva.

Sinto-me grata em finalizar este percurso com tamanha leveza nas costuras que a arte do viver me proporcionou. Considero que as memórias consistem em tamanha riqueza da aprendizagem, assim como das passagens que o acaso encarrega-se de realizar. O período de dois anos torna-se repentino e vagaroso, sutil e forte ao desejar vivenciar intensamente todas experiências que o tempo oferece. Desejo que seja possível nos encontrarmos pelas caminhadas da vida, compartilhando experiências, permitindo-se parar, observar e reconhecer os sentidos que um corpo andarilho pode encontrar, mesmo quando nada procura.

A saúde mental coletiva fez-se corpo e habitou cada passo dessa experiência de criação de um espaço comum marcado pelas singularidades, engendrando uma política da vida, na qual o cuidado anda de mãos dadas a uma revolução maior que a reforma psiquiátrica. Não obstante, uma revolução do mínimo, que em cada gesto, em cada pequena ruptura do isolamento atomizado do neoliberalismo contemporâneo, costura emancipações subjetivas e constrói uma sociedade plural, descolonizando a presença do ensimesmamento meritocrático, tão sintônico entre o enclausuramento diagnóstico e o empreendedorismo de si mesmo.

Enfim, aqui, é o fim desta caminhada! Quem sabe nos revemos pelas esquinas da vida, afinal, o acaso move encontros extraordinários. Muito obrigada!

Caminante, no hay camino, se hace camino al  
andar

***“Todo pasa y todo queda, pero lo nuestro es  
pasar, pasar haciendo caminos, caminos sobre el  
mar.”***

*Nunca perseguí la gloria, ni dejar en la memoria de  
los hombres mi canción; yo amo los mundos sutiles,  
ingrávidos y gentiles, como pompas de jabón.*

*Me gusta verlos pintarse de sol y grana, volar bajo  
el cielo azul, temblar súbitamente y quebrarse...*

*Nunca perseguí la gloria.*

*Caminante, son tus huellas el camino y nada más;  
caminante, no hay camino, se hace camino al andar.*

*Al andar se hace camino y al volver la vista atrás  
se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar.*

*Caminante no hay camino sino estelas en la mar...*

*Hace algún tiempo en ese lugar donde hay los  
bosques se visten de espinos se oyó la voz de un poeta  
gritar “Caminante no hay camino, se hace camino al  
andar...”*

*Golpe a golpe, verso a verso...*

*Murió el poeta lejos del hogar. Le cubre el polvo de  
un país vecino. Al alejarse le vieron llorar. “Caminante no  
hay camino, se hace camino al andar...”*

*Golpe a golpe, verso a verso...*

*Cuando el jilguero no puede cantar. Cuando el  
poeta es un peregrino, cuando de nada nos sirve rezar.*

*“Caminante no hay camino, se hace camino al andar...”*

***Golpe a golpe, verso a verso.***

***“Caminante no hay camino....se hace camino al  
andar”***

**Antonio Machado**

## REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain. Por uma nova definição da verdade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 18, n. 2, p. 169-180, 2015.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo. **Brasília: Liberlivro**, 2010. p. 45-49.
- BASAGLIA, Franco; BASAGLIA ONGARO, Franca. **Crimini di pace**. Torino: Einaudi, 1975.
- BASAGLIA, Franco. Scritti I: 1953-1968. Dalla psichiatria fenomenologica all'esperienza di Gorizia. **Torino: einaudi**, 1981.
- BELLOC, Márcio Mariath. Homem-sem-história: a narrativa como criação de cidadania. Tese de Doutorado em Antropologia. Universitat Rovira u Virgili, Tarragona, 2011.
- BENJAMIN, Walter; GAGNEBIN, Jeanne Marie; ROUANET, Sérgio Paulo. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Ed 3. Brasiliense, 1987.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- CARVALHO, Carolina Licks. A revolução do processo: os afetos e o dever revolucionário. **Diaphora**, v. 19, n. 2, p. 49-58, 2020.
- CARVALHO, Rejane Nunes de. **KANHGANG ÊG MY HÁ: Para uma psicologia Kaingang**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- CASTRO, Laísa Massena. **O nutrir dos afetos e os (des) encontros de uma nutricionista na saúde mental com a comunidade indígena Kaingang de São Leopoldo- RS**. Trabalho de Conclusão de Residência. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.
- FAGUNDES, Sandra. Exigências Contemporâneas. **Saúde Mental Coletiva**, Bagé, v.2, n.2, 1995, p 2-4.
- FERLA, Alcindo Antonio; ROCHA, Cristianne; FAJARDI, Ananyr Porto; DALLEGRAVE, Daniela; ROSSONI, Eloá; PASINI, Vera Lucia; SONAGLIO, GARCIA, Rafaele. **Residências e a educação e ensino da saúde: tecnologias formativas e o desenvolvimento do trabalho**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017, p. 184.
- FOUCAULT, Michel. A História da Loucura na Idade Clássica. **5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997**.
- FOUCAULT, Michel. Michel. Microfísica do poder. **Rio de Janeiro: Graal**, 1979.
- GROS, Frederic. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É, realizações.2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Edições, 2017.

JUNIÃO, Antônio. A resistência começou muito antes. *In*: BISPO, Tainã. **Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades**. São Paulo: Claraboia, 2019. p.107-114.

LACONELLI, Vera. Atento aos sinais. *In*: BISPO, Tainã. **Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades**. São Paulo: Claraboia, 2019. p. 27-32.

KFOURI, Juca. Mãos à obra. *In*: BISPO, Tainã. **Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades**. São Paulo: Claraboia, 2019. p. 20-26.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes e Ensaios**, n. 32. 2016.

NARDELLI, Thereza. 28 de outubro de 2018. *In*: BISPO, Tainã. **Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades**. São Paulo: Claraboia, 2019. p.34-38.

NOAL, Débora. Em carne viva. *In*: BISPO, Tainã. **Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades**. São Paulo: Claraboia, 2019. p. 141-146.

RECH, Michele. **Os pés são a maneira que temos de nos conectar com a Terra. Com calçados, perco os olhos**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

RIBEIRO, Renato Janine. Dar a mão, sabendo para quê. *In*: BISPO, Tainã. **Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades**. São Paulo: Claraboia, 2019. p.59-68.

RUBERT, Sylvania. Para reconciliar, é preciso esquecer?: reflexões sobre as possibilidades de resgate da memória da repressão política no Brasil. *In*: GALLO, Carlos Arthur; RUBERT, Sylvania. **Entre a memória e esquecimento: estudos sobre os 50 anos do Golpe Civil-Militar no Brasil**. Porto Alegre: Editora Deriva, 2014.p.191-210.

SAKAMOTO, Leonardo. A resistência silenciosa dos anônimos. *In*: BISPO, Tainã. **Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades**. São Paulo: Claraboia, 2019. p. 45-52.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **A brevidade da vida**. Tradução por Luiz Feracine. São Paulo: Lafonte, 2019.

YAMÃ, Jaguarê. Somos raiz, somos meio ambiente. *In*: BISPO, Tainã. **Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades**. São Paulo: Claraboia, 2019. p.75-86.